

## **Estudos Gerais da Arrábida**

### **A DESCOLONIZAÇÃO PORTUGUESA**

#### **Painel dedicado à Guiné (1 de Agosto de 1997)**

#### **Depoimento do General João de Almeida Bruno<sup>1</sup> e José Manuel Barroso<sup>2</sup>.**

*Mais de metade das cassetes está praticamente inaudível, correspondendo à primeira intervenção que foi a do general Almeida Bruno.*

**José Manuel Barroso:** Do ponto de vista político, parece significativa a tentativa da aproximação ou pelo menos da não rejeição [pelo general Spínola] de um diálogo com forças da oposição mais à esquerda do PS. Creio que disse da outra vez que eu próprio servi de mensageiro entre o [Mário] Soares e o general Spínola, e não só de mensageiro no que respeita à entrega do livro do Soares ao general, o *Portugal Baillonné*, com uma dedicatória. O Soares perguntou: «Mas tu achas que ponha dedicatória?» «Sim, ponha.» De qualquer modo, o general discordava substancialmente do conteúdo do livro, nomeadamente a visão no que respeita ao ultramar, e disse-me isso com toda a clareza. Fui também portador da mensagem do Soares ao general perguntando se ele estaria disponível para se encontrar com ele no Senegal, devendo esse encontro, naturalmente, ser mediado pelo Senghor. O general não disse nem que sim, nem que não. Entretanto há o episódio da morte do Amílcar [Cabral] e aí toda essa construção que era ainda muito eventual caiu por terra. O general já tinha, por diversas vias, e eu talvez tenha sido uma delas,

---

<sup>1</sup> João de Almeida Bruno (n. 1935): Oficial de Cavalaria. Primeiro comandante do Batalhão de Comandos Africanos criado em 1972 na Guiné. Recebe a Torre e Espada em 1973, pelo seu desempenho neste teatro de operações. Preso no 16 de Março de 1974 («Golpe das Caldas»). Ajudante de campo do general Spínola.

<sup>2</sup> Jornalista. Capitão miliciano na Guiné de Julho de 1972 a Maio de 1974. Colaborador directo do general Spínola, na Guiné. Membro do MFA da Guiné.

impulsionado um bocado essa ligação, um contacto com o jornal *República*, que era um órgão da oposição. É um bocado por meu intermédio – de facto estou aqui, a trabalhar com ele – que o então o chefe de redacção Vítor Direito vai a Bissau e é recebido excelentemente pelo general Spínola. Havia também algum contacto com o Raul Rego quer por via de um amigo comum, que era o Carlos Vieira da Rocha, quer depois por meu próprio intermédio. O general nessa altura tinha também já uma grande preocupação de marcar claramente, em termos públicos, as suas opções, mesmo em termos de política interna, perante o Governo.

**Interveniente não identificável:** Desculpe. Já há portanto uma fractura nítida entre o governador e comandante-chefe e o governo da República. Não é? Isto é importante talvez assinalar.

**José Manuel Barroso:** Sim, sim. Clara, claríssima. Aquele episódio que eu contei aqui repetia-se: o general sistematicamente, quando havia posicionamentos mais integristas, mais reaccionários, de ministros do regime, respondia-lhes directamente, quer através de discursos construídos de forma hábil, quer indirectamente, através de discursos aparentemente destinados ao público (alguns não eram nada). [...] A ideia com que fiquei pouco tempo depois de chegar à Guiné é que de facto havia uma vontade de fazer qualquer coisa para alterar o *statu quo*. Quando eu chego à Guiné vou para a Repartição de Assuntos Cívicos e Acção Psicológica, mais especificamente para um dos seus sectores, que era o que tinha a informação, conhecido pelo PIFAS [Programa de Informação das Forças Armadas], quer na área militar, quer na dos problemas [administrativos?]. Esse sector, o serviço de informação e imprensa, tinha três áreas, [entre as quais] uma área de informação escrita, que eu tratava diariamente. Aliás, é um exemplo de como o general subvertia as hierarquias. Eu despachava praticamente todos os dias directamente com o general, dentro daquele tempo que ele tinha, tanto me podia chamar às 7h00

da manhã como à meia-noite. O meu chefe directo era completamente curto-circuitado.

**Manuel de Lucena:** Quem era?

**José Manuel Barroso:** Tive vários, o último dos quais, o mais permanente, foi um que foi depois director aqui do Colégio Militar, o Almeida... Que era uma excelente pessoa e um homem até bastante evoluído, com quem eu me dava muito bem de resto. Mas pronto, eu é que ia aos *briefings* do comando-chefe, era o único miliciano que ia, sempre que havia um *briefing* ia. O meu chefe não tinha acesso directo aos *briefings*. Portanto, o general de facto funcionava muito... tinha o seu *staff* orgânico e depois tinha o seu *staff* privado, as pessoas de quem gostava, em quem tinha confiança, com quem se abria. No início de 1973 há o episódio da tentativa de organização dos congressos dos combatentes.

*Numa intervenção de difícil compreensão, Manuel de Lucena refere-se à morte de Amílcar Cabral.*

**José Manuel Barroso:** A notícia da morte do Amílcar é um episódio que eu ainda hoje não entendo completamente.

Bom, recordo-me de três ou quatro coisas: recordo-me de um tenente-coronel que trabalhava no comando-chefe, na área [?], antes da operação, ter feito um comentário ao vivo, que me foi contado pelo menos 24 horas antes por um oficial em que ele teria dito: «A esta hora o Aristides deve vir a caminho de Bissau.» Recordo-me da fúria do Fragoso Alas, que era um homem perfeitamente anti-comunista, passadista, defensor da arquitectura do regime, [mas era também] um homem extremamente civilizado, culto. Nunca pensei, eu que vinha dos meios da oposição, encontrar um gajo da PIDE... Mas enfim. Também devia ser uma das poucas excepções. Mas recordo-me do Fragoso Alas, [?], furioso, de um lado para o outro: «Estúpidos, estes gajos de Lisboa são todos uns estúpidos, isto não se faz.»

**Manuel de Lucena:** Portanto, [isso] implicaria da parte dele uma convicção de que Lisboa estaria metida nisso?

**José Manuel Barroso:** Exactamente. O *briefing* tem lugar. Entretanto, depois do jantar, corre a notícia, e depois da notícia, o general, naquelas conversas, a passear nos corredores do palácio, tem uma longa conversa comigo em que reafirma, com uma convicção que me pareceu totalmente sincera, a estupidez do assassinato e o facto do assassinato do Amílcar criar ainda mais problemas no diálogo com o PAIGC na medida em que, na convicção dele, o Amílcar era um dos tipos com quem seria possível dialogar, porque estava muito mais próximo de Portugal, das teses portuguesas, etc. Mais tarde, o general Spínola, já ele cá estava, já tinha terminado a sua missão na Guiné, eu venho cá uma vez em férias, ele convidou-me para almoçar no topo do hotel, ali na Duque de Loulé, naquele Hotel que faz esquina... [o Hotel] Embaixador.

**Manuel de Lucena:** Sobre a morte do Amílcar como é que o encontraste?

Muito contrariado?

**José Manuel Barroso:** Muito lixado. Muito irritado com a situação. Ele nessa altura disse-me que era sua convicção que a operação teria tido Lisboa como origem. Mais tarde ele corrige essa posição, não excluindo completamente a hipótese mas colocando-a como um dos cenários que se poderiam ter conjugado para aquela operação: as questões internas do PAIGC e a própria intervenção e interesse do Sekou Touré, eventualmente. Mas nisso o José Pedro Castanheira já tentou entrar e não conseguiu... Entretanto, há a história dos combatentes.

*Manuel de Lucena refere-se à forma como recebeu a notícia da morte de Amílcar Cabral quando se encontrava em Argel (ver transcrição de painel sobre a Guiné, datado de 27 de Agosto de 1996, p. 25 e ss.). Refere-se depois à partida de Argel para a Guiné Conacri de várias pessoas: o ministro da educação argelino, Ben Yahia, um homem*

*muito importante porque é um homem dos acordos de Evian, e Manuel Alegre, como delegado da Frente Patriótica de Libertação Nacional [FPLN]. E continua...*

**Manuel de Lucena:** Há um simpósio (chamaram-lhe um simpósio) com a urna do Amílcar. Durante uns dias o Amílcar não é enterrado, é enterrado uma série de dias depois e à volta de Conacri – o Alegre conta - houve discursos, a presença de imensas delegações de países africanos, comunistas, de Leste e de partidos comunistas ocidentais e de movimentos progressivos, entre os quais a FPLN. De resto, para eles [para os dirigentes da FPLN, Piteira Santos e Manuel Alegre], foi muito importante esse convite porque tinham tido a crise com o Partido Comunista Português e tinham corrido com o PCP de Argel. E durante esse simpósio perante a urna do Amílcar, estabelecem diálogo com os comunistas franceses e italianos. Portanto, o tipo até vinha um bocado bem impressionado porque para eles tinha sido... o PCP tinha tentado criar um vazio à volta da Frente Patriótica de Argel, que era nessa altura fundamentalmente o Piteira e o Alegre, e eles tinham conseguido romper um bocadinho esse isolamento, que do lado dos países árabes e africanos não era isolamento. Em relação a outros, tinha sido tratado como um camarada pelos partidos comunistas francês e italiano. E ouviu o discurso do Sekou Touré (ele trazia um exemplar) em que fazia o elogio do Amílcar mas também, porque entre os revolucionários se devem fazer críticas, fazia duas críticas: primeiro, o Amílcar não ter reprimido ou dado cabo de uma série de tipos, que acabariam por matá-lo (entre os tipos que o tinham morto alguns tinham estado presos em Portugal e que depois tinham sido libertados e ele devia tê-los liquidado mas deixou-os por ali e acabaram por matá-lo); segundo, o Sekou Touré criticava o Amílcar Cabral por ter alfabetizado em português.

Depois há algumas coisas mais vagas. Uma delas, disse-me o Piteira que o Sekou Touré tinha começado a interrogar os prisioneiros mas desistiu rapidamente de os interrogar de tal maneira tão militantes

eles eram. Quer dizer, não havia maneira de provar qualquer espécie de corrupção, eram homens convictos. E há um artigo que eu li na *Afrique Asie* do Aquino Bragança que tem a lista dos conspiradores principais (sete ou oito), todos grandes notabilidades do PAIGC, entre os quais o comandante da Marinha (o principal responsável pelo trabalho) e um tipo que era um grande herói e que o próprio Aquino diz na *Afrique Asie* que não consegue perceber como é que um tipo daqueles tinha traído. E no meio disto, apesar de tudo, também funcionava no artigo do Aquino a ideia de que havia um complot português. Desde logo, em Argel, a ideia que nós tivemos foi a de que talvez tivesse havido alguma participação portuguesa mas inscrevendo-se numa questão mais geral entre o Sekou e o Amílcar e depois provavelmente também entre guinéus e cabo-verdianos do PAIGC. Mas isto já são coisas que se deduziam nas conversas entre nós, em Argel, nesse ano de 1973, não [são coisas] tão positivas como as outras que eu referi. Outra coisa que custa a crer, mas que o Piteira me contou como sendo absolutamente certa, é que quem controla as unidades, quem retoma o controlo de Conacri, não são as autoridades da Guiné, mas o próprio Samora Machel que lá estaria por acaso e depois o próprio Ben Yahia. Teria havido, digamos, uma retomada internacionalista do controlo... Isto contou-me o Piteira Santos, muito serenamente, não era um tipo nada exaltado, era notícias que ele tinha tido através dos seus canais argelinos e portanto...

**General Almeida Bruno:** Pessoalmente, a minha convicção, de facto, é a de que a morte do Amílcar não foi da responsabilidade do Spínola, «não dava a cara com a careta».

**Manuel de Lucena:** Tinha que passar si, não? Quem é que fazia as operações?

**General Almeida Bruno:** Era eu.

Em relação a Lisboa, ó sr. dr., a ideia que eu tenho da capacidade da PIDE/DGS é uma ideia negativa. Acho que eles eram muito frágeis.

Eram capazes de andar aqui em Lisboa atrás da oposição, etc., etc., mas em termos internacionais a PIDE/DGS não... Aliás a prova foi a «operação Mar Verde». É inacreditável como é que a PIDE/DGS que é uma espécie de CIA, uma espécie de KGB não consegue, rigorosamente, rigorosamente, dar ao Alpoim Calvão, com certeza, a localização do Sekou Touré. Isto não cabe na cabeça de ninguém.

**José Manuel Barroso:** Nem sequer se os aviões [da Guiné-Conacri] estavam...

**General Almeida Bruno:** Nem sequer se os aviões estavam lá. A PIDE/DGS, na minha modesta opinião, era uma polícia política ótima para andar atrás deles, mas dentro do PAIGC tinha uma implantação medíocíssima.

**Manuel de Lucena:** Você, como é que sabe da «Operação Mar Verde»?

**General Almeida Bruno:** Sei porque ainda estou na Guiné quando a «Mar Verde» começa a ser planeada. Aliás, eu tenho um contacto com o Zoio, o Zoio pai, para a aquisição do material. Mas, entretanto, venho-me embora e foi o Azeredo que firmou o contrato da compra do armamento. O armamento foi comprado no Leste. O Alpoim Calvão sai para Conacri com as nossa forças totalmente equipadas com material comprado ao Leste.

*Intervenção imperceptível de Luís Salgado de Matos.*

**General Almeida Bruno:** Há quem diga que ele foi morto quando esteve em Moscovo para ser operado, mas isso é um bocado fantasia. Agora os outros dois foram assassinados.

*Intervenção imperceptível de Luís Salgado de Matos.*

**General Almeida Bruno:** Ó sr. dr. é exactamente isso. A noção que eu tinha na altura da PIDE é que eram uns esbirros ótimos para escutar as conversas do dr. Manuel Lucena; mas não tinham capacidade para mais do que isso.

**Manuel de Lucena:** Não eram nada. Todas as coisas diferentes que nós fizemos a PIDE nunca as apanhou. A PIDE era ótima para andar

a escutar o Partido Comunista. Quando apareciam coisas diferentes eles andavam aos papéis. Eu estive no sector de propaganda das associações de estudantes em 1962, quando foi da greve académica, eu fazia os comunicados e depois havia os heróis que os passavam a copiador e distribuíam, o Sabrosa e o José Nepomuceno, tipos assim, que usaram (o José Nepomuceno tinha a mania da estatística) não sei quantos mil quilos de papel para fazer os 46 comunicados que houve na greve académica de 62, mudaram-se as máquinas de casa umas sete ou oito vezes e a polícia política andava aos papéis. E o Correia de Oliveira [ministro de Salazar] disse ao meu tio em conversa que estava convencido que os comunicados eram feitos por um tipo do Partido Comunista, do Comité Central. Eu até fiquei orgulhosíssimo por considerarem que eu, um puto de vinte anos, era um gajo do Comité Central do Partido Comunista! A PIDE tinha uma rotina e fora dessa rotina...

*Intervenção imperceptível de Luís Salgado de Matos.*

**Manuel de Lucena:** Para voltar ao assassinato do Mondlane, em ambientes da oposição portuguesa e da oposição anti-colonialista portuguesa, durante bastante tempo dizia-se que tinha sido uma operação brilhantíssima da PIDE, e nunca ouvi isto desmentido, que tinha conseguido despachar para o Mondlane uma encomenda armadilhada, para o PO box não sei quantos, através de alguém em Moscovo.

**José Manuel Barroso:** O Congresso dos Combatentes. Quando há a tentativa de fazer o Congresso dos Combatentes no Porto há uma enorme reacção de personalidades...

**General Almeida Bruno:** Eu. Eu intervenho aí.

**José Manuel Barroso:** Portanto, tudo o que congresso representava em termos de defesa tradicional da posição ultramarina era insustentável. Há reuniões em diversas...

**General Almeida Bruno:** Há. Em minha casa.

**José Manuel Barroso:** E na do Fabião.



**General Almeida Bruno:** E na do Fabião.

**Manuel de Lucena:** Deixa-me fazer uma pergunta. Quando dizes que há uma grande reacção de personalidades da Guiné, quais são os vossos índices? Quando nessa altura há descontentamento na Guiné, há uma elite forte, bem organizada, ocupando lugares muito importantes, desde a informação, contigo [José Manuel Barroso], até às informações especiais consigo [Almeida Bruno], ou há um grupo extenso, mesmo muito extenso, de oficiais contra?

**José Manuel Barroso:** Eu penso que para além de haver ou não uma elite, e havia várias a diversos níveis, há uma convicção generalizada, que tem muito a ver com a doutrinação que o general faz [?] contra a situação. Não é por acaso que na Guiné, independentemente da actuação dessa elite - o então general Almeida Bruno tem uma participação activíssima só a nível de oficiais do quadro permanente - há umas centenas de assinaturas, quatrocentas e tal. Ora, isto é significativíssimo.

**Manuel de Lucena:** Contra o Congresso?

**José Manuel Barroso:** Contra o Congresso. E reuniões.

**General Almeida Bruno:** Bom, e com homens com um grande peso, como era o comandante Rebordão de Brito. Aliás, há um telegrama assinado pelo Rebordão de Brito, pelo Marcelino da Mata, aliás, por todos os homens que tinham a Torre e Espada, e que é um telegrama duríssimo contra o Congresso dos Combatentes, dizendo que nós não nos identificávamos de maneira nenhuma com o Congresso dos Combatentes.» De militares com uma folha de serviços de campanha que não era graça!

**José Manuel Barroso:** Há uma reacção tão forte entre os oficiais e também alguns sargentos do TO [Teatro de Operações] que eu posso [ilustrar]. Há esta reacção ao nível do quadro permanente, que é significativíssima porque é do quadro permanente, e há uma reacção a nível do quadro de milicianos...

**Manuel de Lucena:** Essas 400 assinaturas eram do quadro permanente?

**José Manuel Barroso:** Do quadro permanente.

**Luís Salgado de Matos:** Quantos oficiais do quadro permanente é que havia nesta altura?

**General Almeida Bruno:** Não éramos muitos mais, não seríamos muitos mais.

**José Manuel Barroso:** Ora bem, há dois tipos de reacções: há uma reacção que obviamente tinha um peso muito maior que era a do quadro permanente e a nível dos milicianos há um abaixo-assinado que é enviado com outras tantas assinaturas ...

**Manuel de Lucena:** Cerca de 400?

**José Manuel Barroso:** Mais de 400; nós éramos mais.

**General Almeida Bruno:** Não seriam muitos mais. Mas mais politizados que nós.

**José Manuel Barroso:** E mais politizados.

**Manuel de Lucena:** Dos milicianos, quer dizer, até ao nível de 1.º Cabo?

**General Almeida Bruno:** Não. Furriéis, sargentos, alferes e capitães.

**José Manuel Barroso:** Portanto, a reacção é fortíssima, é fortíssima. Para além da reacção que houve também na...

**General Almeida Bruno:** Eu penso que houve também uma reacção em Angola ou Moçambique, não tenho bem a certeza.

**José Manuel Barroso:** É óbvio que, perante aquela reacção, o poder de Lisboa percebeu rapidamente que não podia fazer nada. [...]

**Manuel de Lucena:** Tu, quando lá chegas, fazes uma distinção entre o clima, expresso nessas assinaturas todas, contra o Congresso dos Combatentes e depois também já contra o regime e o clima de alguma adesão ao «Por uma Guiné melhor». Uma coisa não se segue à outra.

**José Manuel Barroso:** Repara bem: na Guiné, segundo a análise que eu fiz e que de certo modo mantenho, na Guiné haveria vários tipos de... oficiais: havia um naipe de oficiais não muito politizado, mas que de um modo geral – estou a referir-me agora ao quadro permanente, dos contactos que eu tinha – já se questionavam: «Então qual é a solução para isto? Como é que nós saímos disto?» Embora, obviamente não dissessem: «Vamos derrubar o regime.» Depois, havia um grupo de oficiais, que era aquilo a que tu chamaste de certo modo a elite, e que era basicamente a grande maioria dos oficiais do comando-chefe, evidentemente com as pessoas mais categorizadas, mais chegadas ao Spínola, perfeitamente estruturadas, que sabiam o que não queriam, muitas delas sabiam o que queriam, que se reuniam em torno do espírito da «Guiné melhor», porque o espírito da «Guiné melhor», nessa altura, já não era só a Guiné; era, como o general Almeida Bruno disse, um projecto para Portugal; era uma saída de Portugal, melhor dizendo. O que era claro naquela altura - e eu, que vinha dos meios de esquerda, percebi isso rapidamente – era que o que o general Spínola e uma boa parte das pessoas que o rodeavam estavam a tentar construir era uma alternativa que não fosse a alternativa clássica da esquerda ou das esquerdas para o país. Era uma alternativa na área democrática, uma saída democrática que não fosse necessariamente socialista e muito menos comunista. Isso pareceu-me claro.

**General Almeida Bruno:** Sim, sim. Eu acho que você definiu muito bem, muito bem.

**José Manuel Barroso:** Pareceu-me claro também que, quer a nível dos sectores do regime, nomeadamente nos sectores mais conservadores e mesmo nos sectores não tão chegados à extrema-direita, quer à esquerda, nomeadamente na área PC e socialismo de esquerda, portanto, na área marxista, não havia nenhum interesse em que essa alternativa surgisse. Quer dizer: o general Spínola enquanto eventual protagonista dessa alternativa, já antes do 25 de

Abril, era combatido - ou pelos sectores mais integristas e não evolucionistas do regime, ou pelos sectores à sua esquerda -, como um perigo. Isto explica bastante, do meu ponto de vista, o que sucedeu no processo do 25 de Abril e o que sucedeu depois 25 de Abril. O general fica, no fundo, entalado...

**General Almeida Bruno:** Ensanduichado entre...

**José Manuel Barroso:** Ensanduichado...

**General Almeida Bruno:** Entre a direita mais conservadora e a esquerda mais radical.

**José Manuel Barroso:** Independentemente da [sua] ingenuidade ou das asneiras que ele cometeu.

**General Almeida Bruno:** Sim, claro. Ele dizer que dominava o Cunhal, «não há problema, eu domino esse gajo»...

**Manuel de Lucena:** É sobretudo importante entre os milicianos... a malta de extrema-esquerda...

**José Manuel Barroso:** Entre os milicianos, obviamente, a cultura que existia era uma cultura claramente de esquerda, [isto] nos milicianos politizados. [Esta cultura] tinha uma raiz comunista, uma raiz mais avançada entre as pessoas que tinham uma tradição comunista mas que depois ultrapassaram o Partido e foram mais para a esquerda, socialistas de esquerda marxistas... Aí, sem dúvida. Isso, depois, na altura do 25 de Abril, já o general Almeida Bruno não estava lá, é significativo ao nível das organizações de milicianos que surgem e que eram, no fundo, paralelas às... eram, no fundo, a expressão das correntes políticas de esquerda que existiam aqui no continente e que eles traziam porque vinham da universidade. Nós próprios tivemos - no tempo em que eu estive na Guiné - em relação aos milicianos (alferes e furriéis) uma grande dificuldade para dominar as coisas da parte de elementos que não eram PC mas que eram muito radicais em termos de esquerda. Tivemos uma grande dificuldade. Eu, por exemplo, a seguir ao 25 de Abril, defendi a hipótese de realizar uma reunião com eles, e de os cercarmos e

prendermos e despacharmos para o continente, porque eram fulanos completamente anárquicos. Malta que depois representava aqui o MES, o PCP-ML.

*Intervenção imperceptível de António Duarte Silva em diálogo com outros participantes.*

**José Manuel Barroso:** Bom, no como resolver o problema da guerra, do meu ponto de vista, a resposta era diferente. Havia uma visão que não sei ainda hoje se era muito, muito elaborada, mas penso que sim, pelo menos do ponto de vista estratégico, certo ou errado, possível ou não possível de aplicar já naquele tempo, que era claramente a do general Spínola. Ao contrário do que muita gente diz ainda hoje, eu defendo que o general Spínola, com todas as suas variações, tinha uma linha clara no que respeita à solução do problema colonial. Podia ser já um pouco utópica ou não; mas tinha. Tinha uma estratégia, tinha as etapas definidas...

**General Almeida Bruno:** Que aliás passam pelo *Portugal e o Futuro*. Ele já fala da União Europeia. O general Spínola no *Portugal e o Futuro* fala na União Europeia. [...] Ele tinha de facto uma ideia; não quer dizer que não fosse utópica. Eu pessoalmente hoje penso que nós [...] íamos atrasados, estávamos de fora.

**José Manuel Barroso:** Na situação local - e isso tinha a ver com a situação da guerra em geral - há um elemento que o general Almeida Bruno já referiu, que é um elemento altamente perturbador para a definição de qualquer coisa, porque no fundo introduz um contra-relógio, que é o aparecimento no PAIGC de armamento bastante sofisticado, que altera bastante a relação de forças e que altera completamente o equilíbrio psicológico das tropas. Quer dizer: naqueles dias em que os aviões vêm abaixo...

**General Almeida Bruno:** Com grande sorte do PAIGC, que abate o tenente-coronel Brito, uma figura carismática porque é o comandante do grupo da Força Aérea. É ele que pilota os *Fiats* e os helicópteros e é ele a figura central dos pilotos. O homem que o substitui, que é o

Mantovani, com quem eu joguei bridge na véspera de ele morrer, também é abatido na semana seguinte. Reparem como isto abala qualquer estrutura. Quer dizer: o comandante dos pilotos é abatido hoje e uma semana depois é o substituto dele que é abatido. Que sorte a do PAIGC.

**José Manuel Barroso:** Pareceu-me nítida, apesar de todo o sangue frio do general, a consciência do general de que a situação se estava a tornar extremamente perigosa e que não havia saída.

**Manuel de Lucena:** Qual é a data dos primeiros mísseis?

**José Manuel Barroso:** Os mísseis aparecem no final da estação seca de 1972/1973.

**General Almeida Bruno:** É na estação seca de 1973. Março/Abril de 1973.

**Manuel de Lucena:** Aparecem caindo de um avião? Não há qualquer informação de que eles vão ter mísseis?

**José Manuel Barroso:** Não, não, não.

**General Almeida Bruno:** Não, não, não.

**Manuel de Lucena:** É uma surpresa absoluta.

**General Almeida Bruno:** Completa. E convém aqui fazer um parêntesis, que é justo fazer porque estamos a contar a história: a Força Aérea não ficou no chão porque o comandante se chamava Lemos Ferreira; disso é que não há dúvida.

**José Manuel Barroso:** Aliás a Força Aérea encontrou rapidamente o antídoto para... e recomeçou a operar...

**General Almeida Bruno:** Metia um certo tefe-tefe andar de helicóptero a rapar as copas das árvores... Quero dizer-vos que é uma sensação bonita no cinema, mas vivida... [...] O que acontecia é que os helicópteros se safavam porque voavam ao nível das copas das árvores, baixando nas bolanhas, era o alto e baixo, o alto e baixo, por cima da copa, rente à bolanha; e os *Fiats* voavam a grande altitude e só na fase final, de picarem e de fazerem os ataques, é que vinham cá a baixo.

**José Manuel Barroso:** Porque o [míssil] Strela tinha um alcance limitado.

**General Almeida Bruno:** O Brito morre, segundo o asa dele, porque vê alguma coisa e dá a volta no Fiat, faz uma queda de asa para ver o objectivo e, nessa altura, o homem que o abate, que está vivo (quando foi feito o filme *Madina do Boé*, o José Manuel Saraiva falou com ele)... O Mantovani é abatido porque vai num T6, que é um avião extremamente lento.

**José Manuel Barroso:** Depois há uma outra situação, do ponto de vista militar, muito complexa. São situações não já passadas com a Força Aérea mas com o Exército: Guilege, Gadamael e Guidage (em que há muitas baixas). Já antes, o nosso general, ao contrário do que era normal quando se fazia o noticiário para cá, no que respeita às baixas, enfim, dava-se um jeitinho, limitava-se ligeiramente...

**General Almeida Bruno:** Guidage não cai quanto a mim por duas razões: primeiro, o comandante de Guidage – as senhoras desculpem-me mas o termo é este – é enxertado em corno de cabra (é o Valadares Correia de Campos que é um tipo com uma coragem... notabilíssimo!) e que estava isolado em Guidage; segundo, porque eu vou a Cumbamori e destruo completamente a base [do PAIGC]. E portanto Guidage respirou. E foi por isso que fui. Guidage deve-se ao Correia de Campos que é um jovem de 75 anos actualmente [...] que era de facto um tipo... com uma coragem. E porque fui com o Batalhão de Comandos Africanos ao Senegal destruir a base de Cumbamori, a partir do que o PAIGC perdeu capacidade de atacar Guidage. Porque Guidage estava completamente isolada, era uma espécie de Dien Bien Phu.

**José Manuel Barroso:** E repare bem, estas situações são no Norte e no Sul.

**General Almeida Bruno:** No Norte e no Sul. Atenção, sr. dr., a escalada foi de tal ordem que isto é Norte e Sul; não é localizado.

**Manuel de Lucena:** Guilege é...

**José Manuel Barroso:** Guilege e Gadamael é no Sul.

**Manuel de Lucena:** Aí retiraram?

**General Almeida Bruno:** Aí retiraram. De Guilege retiraram e de Gadamael... o Manuel Monge recompôs Gadamael. Guidage... safámos Guidage.

**José Manuel Barroso:** Aí, uma constante do palavreado político do então major Azeredo, que tinha vivido isso na pele...

*Falha na gravação devida à mudança de cassete.*

*José Manuel Barroso e o general Almeida Bruno referem-se ao major Azeredo que escreve uma carta a Oliveira Salazar criticando a política seguida no Estado Português da Índia no princípio da década de 1960.*

**General Almeida Bruno:** Não há dúvida nenhuma de que a subversão em 1973 na Guiné era completa.

**José Manuel Barroso:** Convém dizer aqui, que a nível do general Spínola, já duas coisas se passavam: primeira, é a de que tem a noção – anterior ao aparecimento dos *Strela* – de que não estava a fazer mais nada na Guiné e, portanto, não continuaria na Guiné depois do *terminus* da sua comissão de serviço.

**General Almeida Bruno:** Prolongou-a, porque devia terminar em Maio e ele recolhe em Agosto. Eu venho em Julho e ele vem em Agosto [de 1973].

**José Manuel Barroso:** É. Ele vem no princípio de Agosto.

**Manuel de Lucena:** Ele acaba por estar quase cinco anos...

**General Almeida Bruno:** Está de Maio de 1968 a Agosto de 1973.

[...]

**José Manuel Barroso:** Nessa altura também o general, tanto quanto me pareceu, já estava a escrever o *Portugal e o futuro*.

**Manuel de Lucena:** Só queria voltar um bocadinho atrás. Parece que em finais ou meados de 1971, o general Spínola encara a hipótese de ser candidato à Presidência da República... Há uma mudança que talvez tenha coincidido com a sua concentração em



teatros operacionais e tenha interferido com a sua chegada lá... Talvez nenhum de vocês saiba dar notícias muito precisas. O primeiro grande fracasso é a morte dos majores<sup>3</sup>. Com as directivas operacionais [Spínola] reage duro, diz que tudo continua, vai à mão às reacções de desespero, não quer que se entre numa política de retaliação...

**General Almeida Bruno:** Correcto, correctíssimo.

**Manuel de Lucena:** Tudo vai continuar e tal. E isto é em 1970. Os majores morrem em Março de 1970. E depois chega-se a meados de 1971 e o que é que foi que entretanto aconteceu, ainda sem que o Marcello Caetano tenha fechado a porta, para que ele já não acredite no quadro da Guiné, e ache que qualquer coisa a fazer só mudando o regime aqui, acedendo à chefia do Estado. O que é que lhe dá a volta?

**General Almeida Bruno:** Eu penso que o balão de ensaio, penso que o fenómeno que leva o general a pensar que ainda é possível resolver o problema de baixo para cima, «vamos dar este tempo», é Conacri: se tiver êxito e se cai Sekou Touré e vai para lá um homem nosso. Não sei se me fiz entender, repare...

**Manuel de Lucena:** Mas isso já é uma coisa diferente de «uma Guiné melhor». Articula-se...

**General Almeida Bruno:** É importante. Já se acha que é exterior...

**Manuel de Lucena:** Que sem um suporte exterior «uma Guiné melhor» não dá.

**General Almeida Bruno:** Exactamente. O segundo balão de ensaio, isso um pouco da nossa parte mas penso que também da dele, era se ele conseguisse ascender à Presidência da República. Mas repare que tudo falha: Conacri falha...

**Manuel de Lucena:** Em Conacri o envolvimento dele é pleno...

---

<sup>3</sup> Referência aos três majores (Passos Ramos, Magalhães Osório e Pereira da Silva) que, em 20 de Abril de 1970, tendo sido enviados pelo general Spínola a um encontro secreto com elementos do PAIGC, foram assassinados no decorrer dessa missão.

**General Almeida Bruno:** Ah, completo! É tudo conduzido, informado por ele, com o apoio do Governo que, atenção, prepara o desmentido formal...

**Manuel de Lucena:** O Governo português está perfeitamente informado?

**General Almeida Bruno:** Completamente, completamente informado.

*Intervenção de António Duarte Silva, afirmando que o então presidente da República Américo Thomaz dizia não ter sabido antecipadamente da «Operação Conacri».*

**General Almeida Bruno:** Ah é o que o Tomás diz. Pronto, há que acreditar nele.

**Manuel de Lucena:** Arrisca-se a ser verdade.

**General Almeida Bruno:** Até é possível que seja verdade porque o Marcello preparou diplomaticamente toda uma campanha negando. Como sabe, nós negámos sempre a ida a Conacri. E era lógico. Portanto, o general quando vai a Conacri... [...] Estava tudo preparado para o Governo dizer que não.

**José Manuel Barroso:** «Ide a um país estrangeiro derrubar o chefe de Estado.»

**Manuel de Lucena:** Desculpem ser aqui um bocadinho chato e cardeal-diabo. A tropa diz assim: «nós não queremos ser tramados agora e ser outra vez os bodes expiatórios como no caso na Índia.» Mas parece que aí o estoiro foi um estoiro fabricado por vocês, foi Conacri.

**General Almeida Bruno:** Conacri é uma acção política.

**Manuel de Lucena:** É evidente. Mas não é da responsabilidade do...

**José Manuel Barroso:** Ó Manel, isso não é bem assim. Deixa-me só fazer um pequeno comentário: isso é um bocado complexo de dizer... faz-me lembrar um desafio de futebol: se tu ganhas, ganhaste; mas se perderes tens de sofrer as consequências. Se a «Operação Conacri» tem sido bem sucedida, se não tem havido má informação e

não sei o quê, era uma operação que iria causar uma alteração da relação de forças e problemas muito complexos ao PAIGC.

**Manuel de Lucena:** Mas espera aí. Havia mesmo [na Guiné-Conacri] essa oposição séria...

**General Almeida Bruno:** Havia, havia.

**Manuel de Lucena:** Ou aquilo era mais um sarilho; se ganhássemos...

**José Manuel Barroso:** Sekou Touré era um déspota.

**Manuel de Lucena:** Sekou Touré era um déspota mas podia era não ter oposição consistente.

**General Almeida Bruno:** Tinha, tinha. Ainda hoje, e há muito pouco tempo, há um ano talvez, na nossa televisão eu vi um programa sobre a Guiné Conacri e ouvi um depoimento de guineenses de Conacri, que estão hoje em Conacri, falarem sobre isso. Eles eram da oposição, exactamente. Isso existia, não tenho dúvidas nenhuma.

**Manuel de Lucena:** Não era pior ainda termos ganho em Conacri do que termos perdido?

**General Almeida Bruno:** Ó sr. dr., eu penso que é um bocado difícil fazer estas previsões. Eu julgo é que é lógico pensar que se Conacri (Sekou Touré) cai e se o presidente da Guiné Conacri é nosso, o PAIGC fica numa situação difícil.

**Manuel de Lucena:** É claro que fica, mas o problema é [esse presidente] ser nosso; e não nos dizer, como os italianos depois de certas ajudas, *arriverderci e grazie*.

[...]

**José Manuel Barroso:** Quanto ao posicionamento do general Spínola, fazendo agora um pequeno parêntesis, não sei se estou a ver a questão com realismo ou não, mas gostaria de fazer notar o seguinte: no que respeita ao PAIGC, há três fases na acção spinolista. Há uma primeira fase que é o ganhar força no teatro de operações, enfraquecendo o mais possível o PAIGC, e que tem a ver com a história de [...] ir às bases do PAIGC convencê-los de que nós somos

melhores, de que têm vantagens em vir para o nosso lado, tentar desequilibrar o PAIGC do ponto de vista interno.

**General Almeida Bruno:** É até ao desaparecimento da cabeça do CAOP [Comando de Agrupamento Operacional]. CAOP que continuou a existir, atenção. O CAOP não desapareceu: o coronel Rafael Durão substituiu o Alcino Ribeiro e outros oficiais foram para lá. Não desapareceu.

**Manuel de Lucena:** A segunda fase é até Conacri...

**General Almeida Bruno:** A segunda fase é Conacri.

**José Manuel Barroso:** Exactamente. Que é «decapitar» o Sekou Touré, como base ideológica mais condicionante do próprio PAIGC.

**Manuel de Lucena:** Retirar-lhe o apoio externo.

**José Manuel Barroso:** Exactamente. E exercer uma acção junto da própria cabeça do PAIGC. A terceira fase é a fase do: «Vamos tentar dialogar directamente com a cabeça», que o Marcello não apoia.

**General Almeida Bruno:** Exclui completamente.

**Manuel de Lucena:** [Negociar] com a direcção do PAIGC...

**José Manuel Barroso:** O Marcello não aceita ele próprio encontrar-se com o Senghor e não aceita sequer que o Spínola o faça.

**General Almeida Bruno:** Pois não, não aceita.

**José Manuel Barroso:** Portanto, o Spínola aí fica sem nenhuma margem de manobra...

**General Almeida Bruno:** A não ser o derrube do regime.

**José Manuel Barroso:** A não ser o derrube do regime, para o qual ele se volta.

**Manuel de Lucena:** Portanto, a quarta [fase] é o derrube do regime.

**José Manuel Barroso:** A quarta é o derrube do regime. Mas há aqui uma coisa que me parece interessante no que respeita à evolução do pensamento político do general [...]. O general Spínola, com todo o seu passado, apercebe-se, no final dos anos 50, que o regime tinha de evoluir. Ele vota, por exemplo, no almirante Américo Thomaz – ele

di-lo – mas apercebe-se dos sinais dos tempos. E quando o Botelho Moniz tenta o seu golpe...

**Manuel de Lucena:** Ah, isso é interessante porque você disse que ele mudou muito mas foi depois de Angola e entre Angola e...

**General Almeida Bruno:** É a minha percepção.

**José Manuel Barroso:** Mas atenção que o general Almeida Bruno não conhece a parte de Angola que é muito importante.

**General Almeida Bruno:** Eu não conheço o Spínola antes de Angola. Quer dizer, conheço mas não conheço, sei quem é.

**José Manuel Barroso:** Ora bem, quando o Salazar se safava do golpe do Botelho Moniz, o general Spínola escreve uma carta muito dura ao Salazar em que diz mais ou menos isto: «O senhor safou-se desta mas se não muda as coisas não se safava da seguinte.»

**Manuel de Lucena:** Ele escreveu isso? Salazar recebeu [a carta]?

**General Almeida Bruno:** Sim, sim, sim. Recebeu, recebeu, recebeu.

**José Manuel Barroso:** Entretanto dão-se [os incidentes] em Angola e ele [Spínola] vai para a Angola porque considera um imperativo...

**General Almeida Bruno:** Sim, isso é um problema de formação castrense; ele podia não ter ido.

**José Manuel Barroso:** Não, e acha que face à situação, ao terrorismo, etc., etc., Angola tem de ser defendida; isso é inquestionável. A primeira fase dele em Angola é uma fase claramente guerreira.

**General Almeida Bruno:** É a fase que eu vivi.

**José Manuel Barroso:** Mas a última fase dele em Angola, que é quando ele vem nos últimos meses para o sul...

**General Almeida Bruno:** Que eu não vivi com ele.

**José Manuel Barroso:** É uma fase em que ele tem hipótese...

**Manuel de Lucena:** O primeiro ano grosso modo; o primeiro ano é no Norte; grandes operações...

**General Almeida Bruno:** É, exacto. Ano e meio.

**José Manuel Barroso:** Ano e meio. A última fase, quando o batalhão vem para o Sul em missão já...

**General Almeida Bruno:** Muito bem apreciado isso!

**José Manuel Barroso:** Há aqui uma coisa muito interessante: ele tem possibilidade de pensar na sua experiência angolana e de ver a realidade angolana e tem um contacto extremamente enriquecedor com as populações locais. E aí ele começa a aplicar alguma coisa do que vai depois definir melhor na Guiné. Portanto, ele quando sai de Angola...

**Manuel de Lucena:** Isso são conversas com ele?

**José Manuel Barroso:** São conversas com ele e são conversas com outras pessoas com quem ele conversou. Portanto, ele quando sai de Angola tem já uma ideia quanto à questão ultramarina...

**General Almeida Bruno:** Coincide com a promoção dele a coronel. Atenção que isto anda tudo um pouco associado com a progressão da carreira. Coincide com a promoção dele a coronel.

[...]

**José Manuel Barroso:** Ele quando sai de Angola não tem já nenhuma visão integrista da questão ultramarina. Tem já as sementes de uma visão de descentralização, de autonomia.

**Manuel de Lucena:** De certa maneira já tinha porque quando ele escreve em 1961 a dizer «você safou-se desta mas não se safa da próxima»...

**José Manuel Barroso:** E repara bem. Na conversa que eu tenho...

**General Almeida Bruno:** Mas isso talvez fosse muito ligado à política interna

**José Manuel Barroso:** Eh pá, eu creio que essa carta faz parte do espólio da documentação que o próprio general tinha em casa e que foi completamente destruída.

**Fátima Patriarca:** Há-de estar na pasta de correspondência do general com o dr. Salazar, que está na Torre do Tombo.

**General Almeida Bruno:** E quem é que lá pode ir ler?

**Fátima Patriarca:** Toda a gente.

[...]

**José Manuel Barroso:** Há aqui uma coisa muito interessante e que na última conversa que tive a sério com o general Spínola ele me disse, que foi a sua conversa com o Salazar.

**General Almeida Bruno:** A história das pulgas?

**Manuel de Lucena:** Isso agora... não influencie...

**José Manuel Barroso:** Verdade seja dita que o general Spínola que é uma pessoa muito apaixonada, e detestava que o traíssem, tinha em relação ao Marcello uma visão que por um lado era razoável do ponto de vista crítico mas, por outro lado, não perdoava ao Marcello sobretudo o que o Marcello não tinha feito – não tinha feito nem tinha deixado fazer. Portanto, com esta ressalva, o general Spínola, na última conversa que tive com ele, ele referiu essa conversa que teve com o Salazar antes de ir para a Guiné, e disse-me esta coisa interessante. «Você sabe, o Salazar, na minha convicção, era mais aberto à evolução da questão ultramarina do que o Marcello.» Porquê? Porque o Salazar, apesar de ser um tipo fechado e, de certo modo, em muitas áreas, ultrapassado, tinha uma coisa que o Marcello não tinha: ele era capaz, na convicção do general, de, num dado momento, mudar as coisas porque tinha vontade e capacidade e força para o fazer, coisa que o Marcello não tinha.

*Interrupção.*

**José Manuel Barroso:** Na conversa que o Spínola tem comigo em que me relatou a conversa com o Salazar ele dizia-me que era sua convicção que, face a uma alteração circunstancial da situação, o Salazar teria mais capacidade de mudar as coisas do que o Marcello.

**Manuel de Lucena:** Eu posso repetir a ver se esta frase está certa. Antes da interrupção, a frase do José Manuel Barroso, eu creio que ele tinha dito aqui *ipsis verbis* que o Salazar era mais aberto na questão ultramarina do que o Marcello Caetano porque apesar de conservador tinha a força e a capacidade de decisão.

**José Manuel Barroso:** Ou seja, tinha coragem.

*Intervenções imperceptíveis de Duarte Silva e Luís Salgado de Matos.*

**José Manuel Barroso:** É mais do que a pulga porque, embora o dr. Salazar, segundo vários testemunhos, nas conversas que tinha com as pessoas que queria ouvir, fosse capaz de ouvir tudo, independentemente das decisões que tomava, o facto é que o então brigadeiro Spínola, quando conversa com o Salazar, coloca-lhe todas as questões essenciais da sua opção política, no que respeita ao tipo de luta que se enfrentava na Guiné, na Guiné e ao tipo de luta subversiva.

**General Almeida Bruno:** E não lhe esconde nada.

**Manuel de Lucena:** Ele tem isso no livro, não é subjectivo. Salazar sabe que aquele senhor vai com aquelas ideias.

**José Manuel Barroso:** Exactamente.

**General Almeida Bruno:** Sabe que o palheiro não arde, que as pulgas continuam a morrer e que só há duas hipóteses: [encontrar?] o palheiro ou dar de comer às pulgas.

**José Manuel Barroso:** Se bem me lembro, depois dele expor claramente ao Salazar o que pensava, e o que pensava fazer em linhas gerais, Salazar apenas lhe pergunta: «Então e quando é que o senhor parte?»

**General Almeida Bruno:** Por acaso não me tinha lembrado disso, estou agora a recordar-me. Partimos aí dois meses, um mês e meio depois. Foi, foi.

**José Manuel Barroso:** E mais, o Salazar aceita uma das condições que o brigadeiro lhe põe, que era ter um contacto directo com ele sempre que necessitasse, passando por cima das hierarquias todas, incluindo o ministro do Ultramar, o chefe de Estado-Maior, etc.

E agora queria voltar à questão da Guiné. Portanto, em 1973, no começo de 1973, não me recordo bem da data, obviamente o general já trabalha no *Portugal e o futuro*. O *Portugal e o futuro* de resto é



baseado nas inúmeras intervenções que vai fazendo ao longo dos tempos...

**General Almeida Bruno:** Eu li e comentei à margem o *Portugal e o futuro* praticamente terminado, muito pouco tempo antes de regressar.

**José Manuel Barroso:** Exactamente.

**General Almeida Bruno:** Talvez lá para Julho.

**José Manuel Barroso:** Aquela ideia de que o general no fundo não tinha escrito o *Portugal e o Futuro* é completamente idiota.

**General Almeida Bruno:** É falsa, rigorosamente falsa.

**José Manuel Barroso:** É evidente que o general recorria a *apports* diversos. No fundo, como é que o livro era feito? Havia lá um dactilógrafo, um sargento, que se sentava à máquina de escrever...

**General Almeida Bruno:** O sargento Gonçalves.

**José Manuel Barroso:** Gonçalves, exactamente. O general ditava o que pensava, ele ia dactilografando. Ele dactilografava a três espaços, havia um grande espaço entre as linhas. Depois eram feitas algumas cópias do original, ele passava essas cópias a algumas das suas pessoas de confiança. Essas pessoas depois comentavam, anotavam, sugeriam. A cópia regressava. Portanto, ele tinha sempre um domínio muito rigoroso das cópias. Ele depois adoptava o que queria, acrescentava. De resto, só de facto espíritos desatentos, ou seja, que só leram o *Portugal e o futuro* e que não leram os livros anteriores dele, é que podem dizer que aquele não era o pensamento dele. Não, aquilo era o pensamento dele, em vários discursos dele já estava a raiz do *Portugal e o futuro*.

**General Almeida Bruno:** Isto foi dito, foi dito várias vezes que ele não tinha escrito o livro. E que tínhamos sido nós, colectivamente. Como se fosse possível escrever um livro desses colectivamente.

**José Manuel Barroso:** Eu recordo-me que, já ele estava em Portugal, em 1973 (logo a seguir ao Verão, para aí em Outubro), recordo-me de vir a Lisboa, no Outono, e de ir lá a casa falar com ele

e ele pegar assim no calhamaço e dizer: «Olhe, está a ver aqui?» Leu-me várias passagens; não mo passou para a mão. E disse: «Ah e tal, há aí uns tipos que já o leram.» O Veiga Simão, creio que o Deslandes, o Azeredo Perdigão.

**General Almeida Bruno:** O Nelson Soares.

**Manuel de Lucena:** Tudo pessoas que leram antes? Nesse sistema de sugestões e alterações?

**General Almeida Bruno:** Sim, sim.

**José Manuel Barroso:** Sim, sim, eu lembro-me. Portanto, isto no Outono de 1973 ainda o Movimento dos Capitães...

**Manuel de Lucena:** Deslandes, Azeredo Perdigão, Veiga Simão. Entre vocês também?

**General Almeida Bruno:** Nós, sim. Digamos, o staff privado.

**Manuel de Lucena:** Vocês, quero dizer, o Monge...

**José Manuel Barroso:** O staff privado: o Zé Blanco, o João Diogo, creio eu ...

**General Almeida Bruno:** o Zé Blanco, o João Diogo Nunes Barata, o Zé Manel...

**Manuel de Lucena:** Os spinolistas.

**José Manuel Barroso:** Portanto, antes do Movimento dos Capitães estar muito politizado, estar politizado mais a fundo, o que sucede só, basicamente, em Dezembro de 1973, já o general tinha o seu livro como instrumento...

**Manuel de Lucena:** Que terá sido escrito, portanto, ao longo de 1973?

**José Manuel Barroso:** Sim, sim, foi escrito ao longo de 1973. O grosso do livro é escrito da Guiné. Portanto, o general já tinha perfeitamente definido desde 1972 que era preciso uma bomba qualquer para fazer o regime...

**General Almeida Bruno:** Cair.

**José Manuel Barroso:** Estremecer e cair. E isto é independente do MFA...

**General Almeida Bruno:** Não tem nada a ver.

**José Manuel Barroso:** É evidente que depois o MFA cavalga. Aí também tenho alguma teorias que não são adoptadas por grande parte das pessoas.

**General Almeida Bruno:** Cavalga mas fazendo uma ligação através de mim. E eu estive em duas reuniões...

**José Manuel Barroso:** Não. Havia várias ligações: o senhor, o Monge, o Ramos, o Dias de Lima, o Varela, sei lá, tantos... o Fabião, etc.

**General Almeida Bruno:** Mas nós, rejeitados... quer dizer, o nosso grupo estava ligado mas em certa medida também era rejeitado.

**José Manuel Barroso:** Agora, é evidente que eu, a esta distância – não estou obviamente a insinuar muito sobre as pessoas – é evidente que, nomeadamente o Partido Comunista tinha antenas no seu [de Spínola] staff mais próximo, no comando-chefe. Essas antenas, uma das quais vem a ser revelada pelo coronel Varela Gomes, num artigo que ele escreveu porque eu lhe propus trocar impressões com ele sobre isso e ele deu-me um artigo quando o coronel Robin de Andrade morreu... O que coronel Varela Gomes me disse na altura e escreveu no artigo foi que o Robin de Andrade, que era chefe de Estado-Maior do Spínola [?] e que era um oficial distintíssimo, quer pessoal quer intelectualmente, quer profissionalmente, era um homem que tinha estado já na «Revolta da Sé» e na «Revolta de Beja» e que não havia sido preso na «Revolta de Beja» porque não deu o nome verdadeiro e não foi detectado.

**General Almeida Bruno:** E o Varela Gomes não falou nele.

**José Manuel Barroso:** E o Varela Gomes não falou nele. Ora bem, o núcleo dos tipos de que o Varela fala, que estavam mais ou menos envolvidos nas duas [revoltas], é o núcleo que depois ele leva para a 5.<sup>a</sup> Divisão, começando pelo próprio Robin de Andrade, que era o chefe da 5.<sup>a</sup> Divisão, pelo coronel Ribeiro Simões, que era do mesmo curso que o Varela Gomes na Academia Militar...

**General Almeida Bruno:** E do Colégio Militar.

**José Manuel Barroso:** Ah, isso não sabia.

**Manuel do Lucena:** Ambos do Colégio Militar?

**General Almeida Bruno:** O Robin, o Varela Gomes e o Ribeiro Simões. E do mesmo curso de Cavalaria.

**José Manuel Barroso:** Eu próprio, em relação a outros [homens] do comando-chefe que eu conheci...

**Manuel do Lucena:** O Varela fala noutros nomes para além desses dois, do Robin e do Simões?

**José Manuel Barroso:** Não, o Varela não fala em mais nomes. Mas em relação a outros que conheci no comando-chefe e vendo depois o percurso deles logo a seguir ao 25 de Abril, é evidente que eu tenho algumas dúvidas... Mas pode ser pura coincidência.

**General Almeida Bruno:** O Artur Baptista, o coronel Artur Baptista foi chefe da Divisão do Comando de Operações...

**José Manuel Barroso:** Ora bem. O Artur Baptista tinha uma característica muito interessante na Guiné, quando estava na Repartição de Operações. Eu conversava muito com ele. Eu era claramente um tipo da oposição; era sabido. O Baptista falava comigo sempre num tom muito cúmplice mas nunca se abria muito; ouvia muito mais. Mas, obviamente, era um tipo da oposição em termos de pensamento. E de esquerda.

**General Almeida Bruno:** Artur Baptista que eu... Depois do 25 de Abril sou eu que o ponho como chefe de Estado-Maior no COPCON.

**José Manuel Barroso:** O que é que eu quero dizer com isto? Quero dizer que aquilo a que se chamava, no tempo da Guiné, spinolismo poderia ser obviamente um cocktail de gentes. E quero dizer também com isto que, nomeadamente o Partido Comunista, sem nenhuma ideia [aqui] de anti-comunismo primário (como se dizia há algum tempo) mas apenas para tentar perceber as lutas nesse tempo, obviamente teria ao mais alto nível as suas antenas naquela área.

**Manuel de Lucena:** Além destes que disseste, tens mais ideias?

**José Manuel Barroso:** Eh pá, tenho mas não faz sentido falar nelas; podem ser apenas puras coincidências ou suspeitas vagas... O Fontão...

**General Almeida Bruno:** Que tem uma acção importantíssima em Angola, ouvimo-lo ontem. Era o governador de Cabinda. Depois da prisão do comando de Cabinda é o Fontão que vai para Cabinda. O Fontão também é um spínolista.

**José Manuel Barroso:** Sim. Mas depois, na Manutenção Militar, tem um comportamento completamente contra.

É um cocktail. Portanto, eu penso que o general Spínola na Guiné, sobretudo a partir de 1971, consciente ou inconscientemente – eu penso que é conscientemente – tem de si próprio uma ideia de destino político, não apenas em termos daquilo que ele achava que era melhor para o país mas em termos de si próprio, enquanto personalidade político-militar. O general, como vimos aliás por uma das directivas, cuida muito bem da sua imagem interna e externa, tem um grande cuidado com os *media*. Não apenas porque se apercebe de que os *media* são importantes na formação da opinião pública mas também em termos da sua imagem. O “teatro” do general de que se falava também servia para os *media* e de que maneira... então quando eram jornalistas estrangeiros aquilo era tudo... os improvisos eram todos muito bem preparados. Como de resto as viagens, como é normal naquele tipo de situação.

*Intervenção imperceptível de António Duarte Silva.*

**José Manuel Barroso:** O teor das intervenções do general Spínola – daquelas a que eu assisti – com jornalistas estrangeiros e nacionais era claramente de demarcação em relação ao regime e de considerar, como era claro (já o disse há muito tempo), que ele entendia que a guerra não tinha uma solução militar – a solução militar era apenas um meio para chegar à solução política.

*Intervenção imperceptível de António Duarte Silva.*

**José Manuel Barroso:** Não, não, não! Ele dizia claramente! Aquilo que vinha nas directivas – isto não é uma guerra que tenha solução militar – ele dizia-o claramente aos jornalistas como dizia em discursos.

*Intervenção imperceptível de António Duarte Silva.*

**José Manuel Barroso:** É um trabalho de equipa, mas é um trabalho de equipa em que a equipa sabe que quando propõe isto ou aquilo, de um modo geral, não vai contra o pensamento do general, pelo contrário.

*Intervenção imperceptível de António Duarte Silva.*

**José Manuel Barroso:** Sabiam porque já o tinha pensado, queria-o dizer e achava que o caminho era outro.

**António Duarte Silva:** Quando discutia com o staff muito próximo estas ideias todas, o teor das indicações...

**José Manuel Barroso:** Eu penso que – o general Almeida Bruno tem obviamente uma experiência riquíssima em comparação com a minha – mas eu penso que o general, quando escolhia o *staff* e à medida que ia trabalhando com ele, já sabia também que havia coisas que nem era preciso discutir muito. Obviamente que se podia discutir uma situação ou outra, cada um dar a sua opinião, e essas opiniões tinham mais peso ou menos peso conforme ele tivesse mais confiança ou conhecesse melhor as pessoas, mas, no fundo, entre as pessoas que estavam em torno dele havia uma identidade essencial de pontos de vista.

**General Almeida Bruno:** Foi aquilo que eu disse há pouco, julgo que de manhã: o nosso general foi o homem que fez o traço grosso e a equipa depois decompunha em traços fininhos. Depois tudo aquilo moldava e os traços fininhos não saiam do traço grosso.

**José Manuel Barroso:** Exactamente.

**António Duarte Silva:** Naquela série de curtíssimas entrevistas que ele dava...

**José Manuel Barroso:** Eram perfeitamente pensadas...

**António Duarte Silva:** A uma série de jornais estrangeiros, ele respondia aos jornalistas e mais nada ou a resposta vinha preparada?

**José Manuel Barroso:** Repare bem: na experiência que eu tenho, nas entrevistas com o general, era criado ao jornalista o clima para que o jornalista estivesse completamente à vontade. Quer dizer: o jornalista quando chegava ao general sabia que lhe podia perguntar o que entendesse – não sei se o meu general [Almeida Bruno] também tem...

**General Almeida Bruno:** Era, era.

**José Manuel Barroso:** Mesmo nessa situação, o general, nas questões essenciais, não fugia a dar uma opinião clara.

**Manuel de Lucena:** O que se estava a perguntar era se o general respondia oralmente e o jornalista se ia embora com a resposta ou se a coisa ficava...

**José Manuel Barroso:** Eu penso que numa situação ou noutra o general queria ver depois a resposta e nalguns casos respondia por escrito, como aliás hoje sucede. Havia situações diversas.

**General Almeida Bruno:** Eu penso que havia situações diversas. Estou a ver se me recordo... há respostas que dá enviando um texto escrito às perguntas formuladas; há outras em que...

**José Manuel Barroso:** Eu penso que na entrevista que ele deu ao Vítor Direito, as respostas foram escritas.

**General Almeida Bruno:** Em relação ao Vítor Direito eu penso que são escritas.

**José Manuel Barroso:** São dele. Não quer dizer que ele não pedisse ao chefe de gabinete ou a quem ele entendesse...

**General Almeida Bruno:** Eu sei onde é que o sr. dr. quer chegar: ele de facto, no essencial, conversava connosco mas numa base de partida que era o tal traço grosso, doutrinário. E esse nós tínhamos aceite. Portanto, quando ele responde a um jornalista, o fundamento da doutrina era a doutrina dele, que também era a nossa - e a nossa era a dele. É evidente que depois há pormenores. E eu falo por mim:

as minhas operações, as minhas acções realizadas no COE [Centro de Operações Especiais], algumas delas que tinham claramente uma intenção política, eram da minha cabeça? Não eram. Eram da minha cabeça, mas eu conversava com ele. Eu dizia-lhe «Ó meu general, eu tenciono, dentro de uma semana fazer isto assim, e isto e isto.» Portanto, havia ali uma conjugação. E ele algumas vezes me rectificou, algumas vezes me disse: «Eu penso que isso não é de fazer.» Outras vezes apoiou-me. Há aqui uma interligação entre o general e a sua equipa que de facto funcionou, funcionou. Ela é a matriz, digamos.

**José Manuel Barroso:** Sem dúvida. Mas há uma coisa que eu rejeito em absoluto. Eu aceito - e eu próprio tenho uma visão crítica do general, nomeadamente depois do 25 de Abril -, eu aceito uma certa impreparação política, para não dizer uma bastante impreparação política do general. O general não era obviamente um político de raiz, experimentado. É diferente fazer política numa situação como ele conheceu na Guiné do que numa situação política em campo aberto, como foi depois do 25 de Abril, não é? Mas a ideia de que o general era uma espécie de pateta político eu acho que é um erro absoluto e que só valeu, ou só vale, porque a alguém interessou fazer passar essa ideia. Porque o general sabia o que queria. Agora, em termos de acção, era um tipo experimentado ou não era? Era um tipo que não era enganado? Claro que era enganado e viu-se que foi enganado repetidamente. Agora, em termos de ideia política, mais ajustada ou menos ajustada, o general sabia o que queria. Quer dizer: a gente quando propunha uma coisa ao general (e tinha-se liberdade, cada um no seu campo de acção, podia-se falar com ele com perfeita abertura), ele escolhia o que queria; sabia o que rejeitava e sabia o que escolhia. Tinha, no essencial, o seu pensamento estruturado.

**General Almeida Bruno:** Deixe-me só complementar o que disse o Zé Manel. Estou de acordo com ele. Hoje, de facto, é fácil, depois do



25 de Abril, dizer estas coisas; na altura é que era muito complicado. Para mim, o grande erro político foi quando aceitou ser presidente da Junta de Salvação Nacional. Se ele tem tido o *feeling* de ter atirado para presidente da Junta de Salvação Nacional e para presidente da República o Costa Gomes, ficando ele chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, talvez o seu trajecto político não tivesse sido... acabou por resultar no 28 de Setembro, acabou por resultar no 11 de Março...

**Manuel de Lucena:** Por acaso acho que há outra hipótese: foi não ter levado completamente a sério a ideia gaullista que tinha inicialmente. Eu quando cheguei cá (cheguei a Portugal só em Junho, já perto do fim de Junho ou no princípio de Julho), e lembro-me que das duas primeiras vezes que vi o general Spínola fiquei extremamente impressionado porque foram duas vezes, em dias próximos, fui a casa do Francisco Sarsfield Cabral, e vi-o na televisão em Santarém e em Évora, com a praça cheia. Ele dizia «Portugueses!» e a praça vinha abaixo. Em Santarém e em Évora. E o que o Spínola fez na altura? Na altura fiquei completamente gago e o Xico até me disse: «Oh pá, mas isso é o Vasco Vieira de Almeida.» Que era considerado na altura... havia não sei quem, talvez o Silva Lopes, que disse: «Nunca vi nenhum ministro das Finanças tão agarrado, nem no tempo do dr. Salazar, como é o Vasco Vieira de Almeida.» Que a qualquer [ideia de] medida dizia: «A moeda, a balança de pagamentos, etc. vai a pique.» Mas porque é que este homem, que tem a praça com ele não faz, não toma a iniciativa de medidas sociais? E está antes a dizer: «Primeiro a Constituinte, não se faz nenhuma reforma, não há, tem de se poupar, tem de não sei o quê?» Porquê? Em Setembro, Spínola estava de rastos nas mesmas cidades onde tinha tido força... Ele não tomou a ofensiva. Lembro-me de ter dito: o general De Gaulle quando chegou a França, a França de rastos [com a guerra], socialista, lançou o sistema da segurança social. Pagou alguma coisa? Não pagou, evidentemente; nem podia.

Mas disse que havia o sistema de segurança social. Não disse: «vamos fazer a constituinte e depois da constituinte fazemos a constituição e [só] então se fazem reformas de fundo.» Não. Deu o voto às mulheres, lançou o sistema da segurança social...

**José Manuel Barroso:** Mas isso tem a ver com a consistência do político...

**Manuel de Lucena:** Aonde o general Spínola se estampou foi aí! Porque se ele tem tomado um tom um bocado mais populista, o Partido Comunista tinha estado mais com ele...

**José Manuel Barroso:** Mas as circunstâncias são diferentes, o passado é diferente.

**General Almeida Bruno:** Ó sr. dr., sabe que eu penso que o que também foi muito mau para o general a perda do Adelino da Palma Carlos. Para mim foi mau para o general a perda do Adelino da Palma Carlos.

**José Manuel Barroso:** Sim, mas o Adelino também era muito rígido.

**Manuel de Lucena:** O Adelino....

**José Manuel Barroso:** Mas eu não queria falar do pós-25 de Abril.

**Manuel de Lucena:** Não. Está bem. Eu peço desculpa. Não devia ter ido por aí.

**General Almeida Bruno:** Não. Mas está uma análise crítica bem feita. Está, de facto.

**José Manuel Barroso:** Agora, o que eu acho no antes do 25 de Abril é que o general, de facto... o que eu estava a tentar dizer é que preparou as coisas.

*Numa passagem de difícil audição, António Duarte Silva refere-se ao "Portugal e o futuro".*

**José Manuel Barroso:** Ter já o livro pronto. Ou pelo menos praticamente pronto.

*Intervenção imperceptível de António Duarte Silva.*

**José Manuel Barroso:** Outubro ou Novembro, não me recordo.

**António Duarte Silva:** Já depois da nomeação dele como vice-chefe de Estado-Maior.

**José Manuel Barroso:** Não, não. Antes. Nessa altura, ele dizia-me com um ar muito divertido (porque ele também se divertia muito com essas coisas): «Eh pá, os gajos não sabem o que me hão-de de fazer.»

**António Duarte Silva:** Isso estava ligado ao livro ou não? Ele sabia o que é que ia fazer com o livro?

**José Manuel Barroso:** Não. Repare: eu penso que o general Spínola achava que, independentemente de onde o colocassem e do que fizessem dele... Para já não aceitaria qualquer coisa; foi convidado para ministro do Ultramar ou pelo menos sondado. Eu penso que ele ia entregar um presente envenenado ao regime, independentemente de onde o colocassem. E esse presente envenenado era o livro.

**General Almeida Bruno:** Era o livro.

*Intervenção de António Duarte Silva de difícil percepção referindo-se a Marcello Caetano.*

**José Manuel Barroso:** «E agora você se quiser prenda-me. E depois logo se vê.»

**António Duarte Silva:** O Marcello também entrou em desespero a certa altura.

**José Manuel Barroso:** Sim, o Marcello já não tinha margem de manobra a não ser andar para a frente [...].

*Intervenção de António Duarte Silva de difícil percepção referindo-se à possibilidade de o livro "Portugal e o futuro" provocar uma situação insustentável para o regime.*

**José Manuel Barroso:** Tinha a consciência de que podia provocar; de que estava no limite do jogo, sem dúvida. Mas repare bem, ó dr. Duarte Silva: o discurso que o general faz no Colégio Militar, quando é condecorado com a Torre e Espada, mesmo com alguns códigos, é um discurso de afronta às teses do regime perante o Thomaz. É o

discurso em que ele diz isso tudo. Eu acho que o discurso é um pouco a síntese de *Portugal e o futuro*.

**General Almeida Bruno:** É evidente que é uma preparação para a justificação de *Portugal e o futuro*.

**José Manuel Barroso:** Não me recordo se foi o meu general que me contou, alguém me contou, mas como é passado consigo... Que ele terá dito depois dessa cerimónia ao general Almeida Bruno: «Nós agora vamos correr muitos riscos.» Portanto, ele tinha plena consciência da situação em que se ia meter... Ele ia meter-se de cabeça; não sabia provavelmente ainda em quê... Claro que tinha notícia das [movimentações] dos capitães, estava a par disso, e meteu-se nisso, como é sabido, com grande coragem, sem... enfim, com alguma prudência, mas sem se esconder. Portanto, ele queria fazer qualquer coisa; isso é evidente. Agora o que ele não queria (disse-me isso repetidamente), ele não queria era ser um segundo [Humberto] Delgado.

*Falha na gravação devida à mudança de cassete.*

**Manuel de Lucena:** É preciso lembrar que nesta altura ainda ninguém sabia muito bem o que é que ia acontecer.

**José Manuel Barroso:** Exactamente. Nem ele próprio.

[...]

**José Manuel Barroso:** Ele só sabia, um bocado como o Régio: «Sei que não vou por aí.»

**Manuel de Lucena:** E mesmo entre pessoas da oposição e pessoas que tinham muitos contactos... Lembro-me de como é que soube do 25 de Abril: estava lá em casa e apareceu o Fernando Belo, o padre, ex-padre, a correr, a dizer que tinha havido um golpe em Lisboa e a primeira versão era: os militares e o Marcello correram com o Thomaz. Passado uma hora ou duas horas, ele voltou e disse: «Não, não. Foi tudo ao ar, foi o regime.» E ainda apareceram aquelas versões em que também estava [envolvido] o Kaúlza. Até isso. As pessoas não sabiam bem... depois é fácil dizer. Vocês saberiam,

porque tinham lá as 400 assinaturas, que na Guiné aquilo estava muito contra o regime. Mas em Angola não havia a mesma situação. E em Portugal ninguém sabia qual era a relação de forças.

**José Manuel Barroso:** Mas havia descontentamento.

**Manuel de Lucena:** O 16 de Março acabou sem que o Governo tivesse tido de dar um tiro. Acabou: saíram e perderam.

**General Almeida Bruno:** Há um desenrolar muito rápido nessa fase final porque entretanto eu sou nomeado... Eu já era major, entretanto fui promovido por distinção a tenente-coronel, condecorado com a Torre e Espada e só depois é que fui fazer o curso de oficial superior. E há um desenrolar muito grande no meu mini-curso de oficial superior, em que o Fabião tem uma atitude importante em relação àquilo que se pensava do Kaúlza. Estávamos todos no mesmo curso e o Fabião tem uma intervenção dizendo que o Kaúlza estaria a preparar um golpe de extrema-direita... Portanto, tudo isto é um galopar monumental. Nós fizemos umas pequenas férias no fim do curso, uma semana. Eu fui a Luanda e aproveitei e fui falar com o Soares Carneiro que era secretário-geral de Angola. Tinha sido meu comandante numa das comissões que eu tinha feito nos Comandos. Era 2.º comandante dos Comandos; o Santos e Castro era o meu comandante. [...] E recordo-me de uma das conversas que tive com o Soares Carneiro e disse-lhe: «Então, as coisas não vão nada bem.» E o Soares Carneiro [respondeu]: «Ah, mas Angola está controlada, Angola tem capacidade e tal...» Tivemos uma conversa em que trocámos ideias um pouco antagónicas. Portanto, isto também se desenvolve com uma velocidade monumental. Impressionante, impressionante.

**Manuel de Lucena:** No MFA havia aquele tipo que trabalhava no Estado-Maior do Exército, o Sousa Pinto, que um dia me disse que estava a fazer uma história, que estava a coligir elementos para uma história do MFA. E deu-me esses elementos e eu estive uns dias a ler.

**José Manuel Barroso:** O Sousa Pinto está no curso para...

**General Almeida Bruno:** Está no curso para general.

**Manuel de Lucena:** E o Sousa Pinto tinha adesões ao MFA ... mas perfeitamente de direita. Lembro-me de umas cartas que li de um tipo da Guiné que dizia que tinham sido apanhadas ao PAIGC rações da Suécia e da Dinamarca. E que Portugal que se deixava desrespeitar. Que era regime esse que continuava a aceitar este tipo de aliados?

**General Almeida Bruno:** Havia muitos descontentamentos...

**Manuel de Lucena:** E havia uma carta de um tipo de Moçambique que comparava os vencimentos de um engenheiro de Cahora Bassa com os dele, e o engenheiro de Cahora Bassa ganhava não sei quantas vezes [mais do que ele ganhava] e não arriscava nada. Quer dizer: «arrisca-se a que deixe de me arriscar por ele». A quantidade de coisas... Eu acho que naquela altura...

**José Manuel Barroso:** Naquela altura havia muito descontentamento...

**Manuel de Lucena:** Eu acho que naquela altura eles iam à rasca. Quando saíram para o 25 de Abril...

**José Manuel Barroso:** Não é por acaso que o Kaúlza tinha também uma visão um pouco golpista...

**Manuel de Lucena:** Quando eles saíram para o 25 de Abril, desde o Salgueiro Maia até ao Otelo, toda essa malta não sabia se não ia direitinha para um estampanço. Não iam nada como quem ia a um passeio. E quando o [coronel] Romeiras entrou com os tanques de Cavalaria 7 na Praça [do Comércio]...

**General Almeida Bruno:** O Jaime Neves.

**José Manuel Barroso:** Não, não.

**General Almeida Bruno:** No Terreiro do Paço.

**Manuel de Lucena:** No Terreiro do Paço, Romeiras.

**General Almeida Bruno:** Quando há o confronto entre o Regimento de Cavalaria 7 e o Jaime Neves...

**Manuel de Lucena:** Se o Romeiras dispara...

**General Almeida Bruno:** Eu penso que aí, na minha opinião pessoal, é o êxito ou o inêxito do 25 de Abril. Não é o Salgueiro Maia, com todo o respeito que eu tenho pelo Salgueiro Maia.

**Manuel de Lucena:** Não, é o Romeiras.

**José Manuel Barroso:** O Salgueiro Maia é o folclore.

**General Almeida Bruno:** O decisivo é quando o Pato Anselmo do meu curso vai incorporado com o Ferrand de Almeida nos grupos de carros e não puxa o gatilho dos carros de combate. E aí [...] O Jaime não se aguentava. [...]

**José Manuel Barroso:** Voltando um pouco atrás, queria apenas referir duas coisas muito rápidas: uma é, reforçando aquilo que eu dizia sobre o destino político que o general foi construindo para si próprio e para o país. O general [Spínola] soube utilizar muito bem uma questão que também deriva de uma das directivas que o general Almeida Bruno referiu hoje de manhã, e que é uma das primeiras directivas dele, que é a questão de como as tropas são recebidas [na Guiné], de como as tropas são recebidas à chegada e de como as tropas são [tratadas] à partida. Isso, por um lado, tinha a ver com, enfim, uma certa manifestação de respeito por quem chegava e por quem partia por parte do seu comandante-chefe [e, por outro lado], tinha também um objectivo político claro: o general, no fundo, utilizava isso, para além da acção do dia-a-dia, para doutrinar politicamente as tropas e os quadros que chegavam e partiam. E ele, à chegada, o que é que fazia? Ele ia às companhias que chegavam, fazia um discurso aos soldados que já continha o essencial da [sua] doutrina política ou político-militar. E depois reunia-se com os oficiais e sargentos do quadro permanente e do quadro de complemento e fazia um debate com eles: expunha as suas directrizes, claríssimas, sem nenhuma papas na língua. Evidentemente, não dizia «abaixo o regime», «abaixo o Marcello». E discutia com eles. E nesses *briefings* a que eu assistia, ia a todos praticamente, eles punham-lhe todas as questões e ele respondia a todos com a maior clareza. E isso era uma

forma que ele tinha de criar uma imagem pessoal, uma imagem de política de abertura, de debate e de visão dos problemas, que significava que no fim de cada comissão havia por cada companhia, sei lá, cerca de cento e tal tipos, entre os quais oficiais e sargentos, que vinham com uma determinada imagem. Ele fazia isto à partida. E à chegada dizia: «Como vocês vêem, nós fizemos isto, estamos a fazer aquilo, estamos a fazer aqueloutro... Esta é que é a boa solução, esta é que é a boa ideia.» Aqueles tipos, portanto, regressavam e obviamente constituíam teoricamente um capital de reserva de apoio ao general, que pelo menos contribuía para criar uma certa imagem, uma certa aura do general enquanto chefe, também de certo modo enquanto chefe político.

*Intervenção imperceptível de António Duarte Silva.*

**José Manuel Barroso:** Bom, aí entramos... Eu não quero dizer com isto que a Guiné, do ponto de vista das Forças Armadas, era, como de resto as Forças Armadas em geral, um feudo spinolista. Havia muita gente do centro, do centro-esquerda, do centro-direita, a vários níveis. Essa gente, depois do general vir, sobretudo no período da Revolução, depois do 25 de Abril, reagiu das mais diversas maneiras. No teatro de operações da Guiné havia muita gente, muita gente organizada também. Havia, como em todos os teatros de operações, a ideia, com sentido ou não (agora já talvez isso não seja muito importante), de que o 25 de Abril era para as pessoas irem para casa. Portanto, isso tinha pouco a ver... eram coisas que o general não podia controlar como os spinolistas não podiam controlar. Havia explosões por todo lado.

**General Almeida Bruno:** Deixe-me fazer um parêntesis. Do que não há dúvida nenhuma é que, quando eu vou à Guiné, dar posse ao Carlos Fabião de presidente da Junta Governativa, já não me lembro como é se chamava, como alto-comissário, nós chegamos a Bissau...

**António Duarte Silva:** Encarregado do Governo.

**José Manuel Barroso:** Mas ele depois não foi alto-comissário?



**General Almeida Bruno:** Então pronto. De qualquer forma fui eu que o levei à Guiné. Quem foi à Guiné foram os spinolistas: o Fabião e eu. E a recepção na Guiné foi excelente.

*Intervenção imperceptível de Duarte Silva.*

**José Manuel Barroso:** Ó Duarte Silva, mas eu quero dizer-lhe que isso foi ultrapassado por vários motivos. Um dos motivos importantes...

**General Almeida Bruno:** Mas eu gostaria de dar uma explicação.

**José Manuel Barroso:** Desculpe, meu general.

**General Almeida Bruno:** [...] Não tenhamos ilusões de que o contingente estava cansado. Porque, quem efectivamente fez a guerra, como a minha geração, começou em 1961. [A guerra] teve um efeito altamente negativo na nossa vida familiar. Eu tive como reflexo o divórcio da minha mulher. É preciso também entender que as nossas vidas pessoais foram profundamente esmagadas e trituradas por este continuar permanente... E onde é que nós íamos? Os nossos filhos foram na esmagadora maioria dos casos educados na ausência dos próprios pais. O meu filho Miguel Nuno nasceu e eu não assisti ao nascimento dele. E eu costumava dizer que os meus filhos eram feitos no intervalo das comissões e iam nascer com a mãe. Repare que comecei em 1961 e estamos em 1973. Portanto, nós, no quadro permanente também, de facto é verdade, estávamos cansados. Não víamos a luz ao fundo do túnel. O quadro de complemento estava extremamente politizado, como diz o Zé Manel, e é evidente que tinha também umas ideias diferentes. E a guerra para quem a fez... a guerra não é nada do que nós vemos nos filmes. A guerra é uma chatice, correm-se riscos, tem-se medo, vive-se fora das famílias, o rapaz não ganha sempre, às vezes perde, não há sempre a miúda gira à espera do rapaz, não há muitas vezes, na maioria, nenhuma miúda à espera. O que vem no cinema é completamente falso, completamente falso, não tem nada a ver com a realidade. Portanto, há todo um clima que, quando se destapa a

rolha, a malta diz: «Ufa, até que enfim, acaba a xaropada!»  
Percebem? Isto é um factor importante, isto é um facto.

**António Duarte Silva:** Mas não explica tudo...

**General Almeida Bruno:** Bom, ó sr. dr., mas eu também sou incapaz de explicar tudo... Agora o que digo é uma coisa: é que aqui, aqui, até Agosto de 1974, eu não acompanhei muito o nosso general [Spínola]. E eu, além de ser chefe da Casa Militar era membro do Conselho de Estado e, portanto, fui empurrado um pouco para o problema da Guiné e não tinha tempo para andar com ele. Mas as tais manifestações a que o dr. Lucena se refere, bom, aí, [...] do general ao povo foi uma coisa impressionante. Ele era um homem que tinha carisma, até aqui. Tinha, de facto. Mas carisma que também caiu de repente. Acho que o sr. dr. tem toda a razão.

**António Duarte Silva:** Se o brigadeiro Bettencourt Rodrigues substituiu os quadros mais próximos do general Spínola...

**General Almeida Bruno:** Sim, sim, sim. Completamente.

**António Duarte Silva:** Ou se pelo contrário o general Spínola trouxe...

**José Manuel Barroso:** Não. Ele substitui uma boa parte dos quadros. Até porque alguns acabaram comissões, outros vieram embora com o general Spínola...

**António Duarte Silva:** O general Spínola trouxe, quando veio, ...

**General Almeida Bruno:** De facto foi verdade, está correctíssimo. O que aconteceu foi que o clã Spínola recolhe também aqui a Portugal praticamente na mesma altura. Há um vazio desse clã «Por uma Guiné melhor» quando ele se vem embora. E o Bettencourt Rodrigues, quando vai, leva a sua própria equipa. Vamos dizer nomes: Fabião, regressa; eu, regresso; Firmino Miguel, regressa; Artur Baptista, regressa; Manuel Gomes, regressa. Nisso tem toda a razão. Há um vazio na continuidade do projecto do general quando ele regressa. Sabe que nós tínhamos uma tal cadência de comissões: fizemos quatro, cinco comissões. O Azeredo também já não estava na

Guiné, já se tinha vindo embora. O Matos [?] também já não estava na Guiné. E aí há esse vazio. Mas o Bettencourt também quando vai para a Guiné... eu julgo que o general Bettencourt Rodrigues foi para Guiné querendo levar a sua própria equipa, eu acho que sim. Por exemplo, o Centro de Operações Especiais foi entregue ao [?] da Fonseca, um rapaz do meu curso do Colégio, que já morreu, e que nunca tinha estado na Guiné e foi com o Bettencourt Rodrigues. É o homem que me substitui no Centro de Operações Especiais. Quem fica a comandar o Batalhão de Comandos Africanos é o Folques, que é graduado em major, eu dei-lhe os meus galões e ele permaneceu.

**Manuel de Lucena:** E depois houve um caso com ele...

**General Almeida Bruno:** E depois houve um caso com ele.

**Manuel de Lucena:** Qual é o caso Folques?

**General Almeida Bruno:** Há uma operação que correu mal no Chão Manjaco. O Raul Folques estava praticamente no fim da comissão, que foi antecipado e ele foi substituído por outro homem [...].

Mas acho que tem razão na sua observação. Vamos dizer: os spinolistas saem da Guiné juntamente com o general.

**Manuel de Lucena:** Além disso há uma coisa importante: o spinolismo tinha sido a partir do comando. Uma vez que perde o comando...

*Intervenção imperceptível de António Duarte Silva.*

**Manuel de Lucena:** Mas é numa pressuposição, é na pressuposição de uma solução política. A meu ver, aí está o outro erro do general. O general Spínola converte-se vertiginosamente às regras da democracia ocidental, e quando vem dizer «reformas económicas e sociais em Portugal só depois da Constituinte», quando vem dizer «descolonização só também depois de um largo debate nacional», ele, que era o homem do debate político e da solução política, aparece como o homem que impede a solução política. Só depois da Constituinte... Nós estamos, em Portugal, em Abril de 1974, e depois

em Maio, Junho e Julho, e a dizer-se: «Para o ano vai haver eleições e só depois disso é que se vai resolver seja o que for.»

**General Almeida Bruno:** Atenção, que estava...

**Manuel de Lucena:** Ele tem que ceder, mas cede...

**General Almeida Bruno:** Ele cede...

**Manuel de Lucena:** Mas não toma a iniciativa.

**General Almeida Bruno:** Como sabe cede e aí [está] a justificação da queda do Palma Carlos. Como sabe, é exactamente por isso.

**Manuel de Lucena:** Mas o erro dele está todo no princípio. Nunca devia haver Palma Carlos.

**General Almeida Bruno:** Porque houve uma altura, até Setembro, houve uma tentativa do Palma Carlos e do Sá Carneiro de antecipar as eleições. Lembra-se disso? Só que ele perde. E ele perde porquê? Porque de facto nós éramos a minoria no Conselho de Estado. Não me recordo de termos ganho uma única votação no Conselho de Estado. Perdemos sistematicamente. Talvez a única que tenhamos ganho, porque ganhámos todos, foi quando anulámos a Constituição de 1933. Foi a única em que estivemos todos de acordo. A professora Magalhães Colaço dizia-me: «Bom, lá vamos perder mais uma vez.» «Ó sra. professora, talvez não.» Mas era sistemático. Pronto, foi assim. Claro que hoje é fácil pensarmos que podia ter sido de outra maneira, mas não foi, foi assim. Quando o Palma Carlos, o chamado golpe Palma Carlos... Sabe o que era o golpe Palma Carlos? O golpe Palma Carlos era a antecipação das eleições para que o Spínola...

**Manuel de Lucena:** Já tive ocasião de trocar impressões com o dr. Mário Soares sobre isto. O Partido Socialista foi muito menos democrático - porque nessa altura a esquerda do Partido Socialista (e o dr. Soares passou anos até dar a volta à esquerda do Partido Socialista) era muito menos democrática, no sentido ocidental (ou mesmo nada, se quisermos) do que o general Spínola. Enquanto o general Spínola dizia que «antes da Constituinte, reformas profundas não pode ser», [nas colónias] «antes do grande debate nacional e da

Constituinte, autodeterminação é que é, independência isso só...» Ele foi obrigado, em Julho, mas obrigado. Deixou de cavalgar, deixou de ser o tipo que representava o diálogo político com os movimentos de libertação. Era o sujeito que queria esperar até à Constituinte. Em tudo isto, o PS, que hoje aparece esquecido que tinha uma esquerda muito poderosa em 1974, dizia: «Não, senhor». O PS falou na Reforma Agrária antes do Partido Comunista. O PS desencadeou com o dr. Mário as negociações para a descolonização e o Partido Comunista ficou mesmo de capa... A partir de Maio de 1974, passou a retaguarda, era uma força de resistência à mudança.

**José Manuel Barroso:** Ó Manel, eu não queria discutir muito o 25 de Abril e sobretudo o pós-25 de Abril porque isso levar-nos-ia a uma longuíssima troca de impressões. Mas há uma coisa que eu penso que é essencial: o general Spínola, quando chega à Presidência da República ou da Junta de Salvação Nacional, não é um golpe. Ele não faz golpe nenhum, nem ele nem o Costa Gomes; eles vão a cavalo num golpe. O general Spínola, de facto, perde uma boa parte das probabilidades de comandar o poder ou de, pelo menos, ser ele o comandante do núcleo essencial do poder, no 16 de Março.

**General Almeida Bruno:** É. Exacto.

**José Manuel Barroso:** A partir daí, ele, de facto, chega ao 25 de Abril com a ideia de que tinha o poder. Mas esse poder rapidamente lhe escapa. Primeiro, porque, como eu ontem referi, de 25 para 26 de Abril há o golpe da Comissão Coordenadora, da Comissão Política da Comissão Coordenadora, que se transforma ela própria em Comissão Coordenadora do Programa.

**Manuel de Lucena:** Isso é um grande golpe.

**José Manuel Barroso:** É um dos grandes golpes do coração revolucionário.

**Manuel de Lucena:** A Coordenadora do MFA passa a ser a Comissão Coordenadora do Programa.

**José Manuel Barroso:** Depois, repara bem: essa Comissão Coordenadora, sem dúvida protegida pelo general Costa Gomes que achava – eu não estou a fazer nenhum juízo – mas que achava que, de facto, o poder real estava ali e que opor-se tinha muitos riscos – enfim, podia ter, podia não ter, não sei... Repare-se bem que o general Spínola contava como um ponto essencial de apoio à sua política o Chefe do Estado-Maior General – o que não veio a suceder. E, portanto, o general Spínola fica isolado: não tem apoio do CEMGFA, não tem apoio da Comissão Coordenadora, não tem apoio da esquerda em termos reais. Tenta ter um apoio popular mas, de facto, tu vês que um mês depois – dou-te o exemplo do primeiro encontro com a Frelimo – o MFA manifesta claramente que o poder era ele, naquele célebre episódio quando o Soares vai a Lusaca...

**General Almeida Bruno:** Ultrapassa o Mário Soares!

**José Manuel Barroso:** Exacto. E, quando o Soares e o Almeida Santos estão a discutir com o Samora, o Otelo intervém e diz: «Não senhor, estes senhores pensam isso mas eu não penso; eu penso como vocês!» E o Samora responde, com humor: «Então porque é que você não se vem sentar deste lado?» E o Soares chega ao Spínola e diz: «Ó sr. general, eu assim não sei! Olhe, veja lá aqui com o Otelo.» Portanto, aqui há uma série de cortinas de ilusão: o Otelo é nomeado para aquele posto (comandante do COPCON) teoricamente como um homem que estaria mais próximo do general Spínola.

**General Almeida Bruno:** Não, não. O Otelo é nomeado para aquele posto...

**José Manuel Barroso:** Para dominar a...

**General Almeida Bruno:** Porque eu e o Manuel Monge dissemos ao presidente da República [Spínola] que o comandante do COPCON tinha que ser Otelo.

**José Manuel Barroso:** Exacto. Que era governador militar de Lisboa ao mesmo tempo.

**General Almeida Bruno:** O Costa Gomes não queria o Otelo para comandante do COPCON.

**José Manuel Barroso:** Portanto, é difícil construir uma casa em que todos os dias um dos pilares cai!

**General Almeida Bruno:** É verdade! O Costa Gomes não queria! O Otelo detestava o Costa Gomes. Porque o Otelo sabia que o Costa Gomes tinha votado contra a graduação para brigadeiro.

**José Manuel Barroso:** E no fundo o Costa Gomes conhecia bem o Otelo.

**General Almeida Bruno:** Fui eu e o Manel, eu e o Manel é que dissemos ao Spínola: «Meu general, tem de ser o Otelo. O Otelo é a figura do 25 de Abril, é o homem do Comando Operacional.

**José Manuel Barroso:** É evidente que o Spínola foi vítima de muitas coisas.

**General Almeida Bruno:** Até da sua ingenuidade.

**José Manuel Barroso:** Se calhar o Marcello e outros tinham razão quando diziam que ele estava a desencadear ventos para colher tempestades.

**General Almeida Bruno:** Sim, sim, sim.

**José Manuel Barroso:** É evidente que é difícil dizer a uma tropa que de repente vê o regime mudar e que ouviu dizer o tempo todo que a solução não era militar, era política, que a solução não era virem embora rapidamente mas sim negociar.

*Intervenção imperceptível de António Duarte Silva.*

**José Manuel Barroso:** É evidente, é evidente. Era preciso ter poder, era preciso existir um poder e um poder que não fosse policêntrico como era o poder nesse período.

**General Almeida Bruno:** O sr. dr. sabe que há todo um desagregar das nossas Forças Armadas. Sabe que a nossa instituição, quando perde os apoios de enquadramento, cai como um baralho de cartas... E como sabe, as Forças Armadas portuguesas – o sr. dr. conheceu, viveu, assistiu, viu...

**António Duarte Silva:** Estive lá até. Muitos anos.

**General Almeida Bruno:** Exacto. As Forças Armadas transformaram-se num ...

*Intervenção imperceptível de António Duarte Silva.*

**José Manuel Barroso:** Ó dr. Duarte Silva, vou dar-lhe um exemplo relatado com toda a honestidade [que se passou] na Guiné (e esta é que era a realidade): o general Spínola era respeitado, tinha muita gente que gostava dele, muitos oficiais, quer do quadro permanente, quer do quadro de complemento, por razões diversas, de ordem pessoal, de ordem profissional, de ordem política, etc., mas de certo modo o spínolismo era o tal *cocktail*. E, antes do 25 de Abril, as correntes que se juntaram na Guiné (já o general Spínola lá não estava) para fazer qualquer coisa se a situação se desmoronasse, eram uma mescla. Vou dar alguns exemplos: era eu que, apesar de ser um admirador do general Spínola, tinha inegavelmente uma formação de esquerda e um pensamento de esquerda, que obviamente aflorava; era o Luís, claramente um homem muito próximo do PC; era o Matos Gomes, nessa altura um homem de esquerda; era o Duran Clemente, outro homem de esquerda; era o Faria Paulino, outro homem de esquerda. Depois, tínhamos um homem mais à direita [...] que era o Alexandre Sousa Pinto, comandante da Polícia Militar. Tínhamos mais apoios, mas no fundo o núcleo central era este. Depois, ainda tínhamos uma organização de oficiais milicianos, que eram mais radicais do que nós. E, quando foi o 25 de Abril, a primeira coisa que eles fizeram foi passar a palavra aos alferes, aos furriéis e aos não sei o quê de que agora o fundamental era parar as operações. Mesmo contra a opinião de muitos de nós que éramos tipos de esquerda. Portanto, tudo isto era uma situação impossível de controlar.

**General Almeida Bruno:** É a revolução. Eu acho que o sr. dr. vai entender. Aquilo é uma revolução, não é um golpe de estado.



**António Duarte Silva:** O que eu queria salientar é que o 25 de Abril não ... se fosse no 16 de Março tinha sido diferente, com o general Spínola a subir ao poder.

**General Almeida Bruno:** Tinha, tinha.

**António Duarte Silva:** Aquilo não foi um golpe de Estado.

**General Almeida Bruno:** Não, não.

*Intervenção de António Duarte Silva sobre as características de um golpe de Estado, para o qual é necessária unidade nas Forças Armadas.*

**José Manuel Barroso:** Claro, sem dúvida. Portanto, às vezes quando se diz «o general foi ingénuo», sem dúvida que foi. Caiu em muitas ratoeiras. Caiu. Mas não foi só ele; houve muito mais gente que caiu. Evidentemente, dois ou três perceberam. O Soares. Mas mesmo assim o Soares andou por ali a equilibrar-se. O Costa Gomes também percebeu. Mas o Costa Gomes e o general Spínola são duas pessoas diferentes (maneiras de ser, estruturas, personalidades). Aliás, repare, ó dr. Duarte Silva: eu tive longas conversas com um tipo do PC na altura [...]. E os tipos transmitiam isto: eles tinham um profundo conhecimento da personalidade do general e da psicologia do general, e actuavam em conformidade. Quer dizer, a partir de certa altura, e essa altura é basicamente a partir do plenário [?], eles actuam para derrubar o general Spínola.

**General Almeida Bruno:** Sim, é nítido.

**José Manuel Barroso:** A seguir ao 25 de Abril, a instrução que todas as células têm em toda a parte do país é aproximar-se e cativar os oficiais das unidades. E as células do PCP fazem isso. No meio da confusão geral, em Outubro de 1974, o PCP tinha cerca de 70 oficiais do quadro e cerca de 800 furriéis e oficiais do quadro de complemento nas suas células. Isto para esse tempo era imenso! E mesmo assim o PC não controlava tudo, obviamente: as coisas saíam por aqui, por ali, por baixo e por cima. Os gajos também andavam muitas vezes a apagar fogos e a tentar dominar as coisas. Portanto, isto era tudo

muito complexo. O que me revolta um pouco é sacrificar-se a imagem do general e dizer-se assim: «o general no fundo era um ingénuo.» Eh pá, também era. Fez montes de asneiras. Mas também havia coisas que ele não conseguia dominar nem percebia, nem percebia quem era quem (como aliás ninguém percebia). O Soares também não percebia. Quer dizer: o Soares percebia algumas coisas e tinha uma bagagem política e uma experiência política diferente. Além disso tudo, tinha uma máquina. Porque é que a gente exige do general Spínola que percebesse tudo, tivesse tudo... Não sei... provavelmente isto não é muito rigoroso...

**General Almeida Bruno:** Mas ó Zé Manel, apesar de tudo isso, o erro crasso, completo, do nosso marechal é o 11 de Março.

**José Manuel Barroso:** Sem dúvida.

**General Almeida Bruno:** Quanto a mim, aí é que ele assina definitivamente a sua sentença de morte. Assina-a e é ele o responsável. Daí o facto de eu, com toda a grande estima que tinha por ele e continuo a ter, me ter afastado dele decididamente durante não sei quanto tempo. Porque é um erro gravíssimo. [...]. Quer dizer: para mim, o trajecto do nosso marechal é aquela decisão que eu ainda hoje não entendo como é que ele toma estando longe de todos nós – é uma coisa curiosa, é espectacular. E eu só atribuo à sua grande fragilidade pessoal: o não estar na ribalta. Porque ele não estava na ribalta na altura; ele era uma figura de segundo plano. Tinha deixado de ser presidente, a figura de primeiro plano era o Costa Gomes, quem conduzia o país era o Costa Gomes. E ele não resistiu à tentação. Aquilo foi uma verdadeira peixeirada. E aí eu reconheço que o dr. Mário Soares, e por isso eu tenho respeito pelo dr. Mário Soares em termos pessoais, afectivos, porque é o dr. Mário Soares que depois me vem dar a mão. Isso eu reconheço-lhe.

**José Manuel Barroso:** E o Eanes.

**General Almeida Bruno:** O Eanes... sim, mas... eu penso que é mais o dr. Soares.

Eu fiquei verdadeiramente surpreendido como é que depois de um trabalho notável que nós tínhamos tido...

**Manuel de Lucena:** O dr. soares foi capaz, por sensibilidade política, táctica, de fazer o que o general Spínola não fez.

**General Almeida Bruno:** Talvez tenha sido isso.

**Manuel de Lucena:** O dr. Mário Soares, sendo um homem para o qual a legitimidade é, digamos assim, de tipo ocidental (legítimo é quem é eleito, o que interessa é o pluralismo), não foi pluralista nos primeiros meses da revolução. [Em contrapartida], o general Spínola levou inteiramente a sério, deu o ar de ter levado inteiramente a sério, as regras da democracia de tipo ocidental. E disse o quê? Primeiro eleições, primeiro Constituinte, depois reformas. Primeiro debate nacional, depois descolonização.

**General Almeida Bruno:** Levou a sério o problema do MFA.

**Manuel de Lucena:** O dr. Soares foi cavalgando a onda, foi deixando... O PS foi quem primeiro falou em reforma agrária. Entre o PS e o PC, foram os comunistas, claro, mas o PC foi muito mais vago. E quando estava, primeiro, o Evaristo [Cutileiro], em Portalegre, o Apóstolo Godinho em Beja, e outros tipos, a falarem em reforma agrária, o PC dizia: «Não. Primeiro criar os sindicatos agrícolas e depois então ... E podem fazer-se umas coisas: mexer nos salários, pôr ordem nas comissões de dinamização colectiva rural, etc., mas reforma agrária não. Também na descolonização, quem vai fazer a descolonização sem debate nacional nenhum é o dr. Soares. O general Spínola não faz isso. E é por isso que só depois do 25 de Abril é que eles se reconciliam. Eles eram feitos para se entenderem. O dr. Soares depois deitou-lhe a mão, quando o general Spínola já não o podia prejudicar. Enquanto o general Spínola o pôde prejudicar, por exemplo, no 28 de Setembro, o PS está controlado e deixa o general Spínola sozinho. O dr. Soares não é parvo.

**General Almeida Bruno:** Se falamos do PS é uma coisa; se falamos do dr. Soares é outra. Porque o dr. Soares no 28 de Setembro percebe o que é o 28 de Setembro.

**Manuel de Lucena:** Ele perceber, percebe.

**General Almeida Bruno:** Sim, mas ele acha que o 28 de Setembro é uma causa perdida!

**Manuel de Lucena:** Ó Zé Manuel Barroso, e no 11 de Março ainda podia ser pior. No 11 de Março, ele está a discutir... Há aquela famosa cena que me contou o Victor da Cunha Rego e que é maravilhosa: estão a discutir o que é que se faz e a passagem à clandestinidade [com medo do PCP]. E está no grupo a Maria de Lurdes Pintassilgo, que [pergunta]: «Mas onde é que é a clandestinidade?» E o dr. Soares: «É em casa do [Tito de Moraes].» Portanto, ele está a encarar a clandestinidade mas entretanto está com o Partido Socialista e o Partido Socialista a dizer que é um partido marxista. Pois claro! Ele sabe onde está e sabe qual é o inimigo. Ele sabe desde muito cedo que o inimigo é o PC. Agora, ele tem o Partido Socialista, o Partido Socialista tem um lado esquerdista muito grande, a situação é complicada com as Forças Armadas a irem para aquele lado, e o dr. Soares, faz isto: apoia as nacionalizações. O que ele não apoia é a unidade sindical. Agora a reforma agrária...

**José Manuel Barroso:** Não, aí não.

**General Almeida Bruno:** Sr. dr., ele ou o Salgado Zenha?

**Manuel de Lucena:** O Salgado Zenha mais do que ele, está bem, está bem. Mas ele aí acaba por ir para o lado do Zenha.

**General Almeida Bruno:** Sim, mas o Salgado Zenha é que é o homem que sai de facto...

**José Manuel Barroso:** Ó Manuel, mas há aqui uma coisa que me parece evidente. Eu penso que o general Spínola faria mais rapidamente do que ele pensava a descolonização porque ia ser obrigado a isso se tivesse poder...

**General Almeida Bruno:** Ele perdeu completamente o poder.

**José Manuel Barroso:** Eu acho que o general Spínola se tem conseguido... Vamos supor que o golpe do Palma Carlos é bem sucedido...

**Manuel de Lucena:** Mas não é por aí...

**General Almeida Bruno:** Está bem. Ele tem poder. Ele ia ter que fazer a descolonização muito mais depressa do que pensava. E fá-la-ia. Não tenho dúvida nenhuma.

**Manuel de Lucena:** Como um tipo que a faz a reboque, [quando] devia ser ele a tomar a iniciativa.

*Intervenção imperceptível de Luís Salgado de Matos.*

**General Almeida Bruno:** E cometeu outro erro: não aproveitou o seu clã para o enquadramento das unidades. Um erro grave. O nosso marechal cometeu esse erro. Foi um erro grave. Em vez de termos ido para os palácios e termos andado nas descolonizações e termos estado no Conselho de Estado, etc., se o clã dele, forte, tivesse enquadrado as unidades fortes e ele mantivesse o poder... Ele no fundo acabou por ter só o Jaime Neves.

*Diálogo imperceptível.*

**General Almeida Bruno:** Outro erro grave.

**José Manuel Barroso:** Ó meu general, mas sabe uma coisa? Eu acho que essa história demonstra até que o general Spínola, apesar de ser ambicioso e vaidoso, não tinha uma visão pessoal do poder.

**General Almeida Bruno:** Não, não, não tinha.

**José Manuel Barroso:** Ele não colocou os seus homens para ter poder. Ele colocou os seus homens no Conselho de Estado porque o Conselho de Estado era teoricamente o núcleo do poder que iria comandar as coisas.

**General Almeida Bruno:** Que iria comandar... mas não comandou nada.

**José Manuel Barroso:** E aí ele queria ter o equilíbrio.

**General Almeida Bruno:** Foi. Enganou-se.

**José Manuel Barroso:** Porque se ele tivesse uma visão do poder puramente pessoal pegava no Bruno... olhe, você é graduado em brigadeiro vai para não sei o quê; o Monge é graduado é não sei quantos vai para não sei onde...

**General Almeida Bruno:** Exacto, o Fabião...

**José Manuel Barroso:** ... comandar Cavalaria 7.

**General Almeida Bruno:** O Fabião só muito tarde foi chefe de Estado Maior.

**José Manuel Barroso:** E ele [Spínola] não fez isso. O que significa, do meu ponto de vista, que ele não tinha uma visão golpista do poder. Ele pensava que aquilo era para aplicar. Ingenuamente, é certo.

*Diálogo imperceptível.*

**Manuel de Lucena:** Eu não insisti porque o Monge e o Nunes Barata falaram nisso, mas você também tem alguma coisa a ver com as negociações, com a ida a Londres.

**General Almeida Bruno:** Tenho, tenho. Vamos lá ver: a minha ida à Londres é num papel em certa medida de fiscalização daquilo que o Mário Soares ia fazer. É o que o presidente me diz: «Você vai, mas cuidado com esse gajo!» Aliás, eu digo isso na entrevista que dei à Maria João Seixas.

**Manuel de Lucena:** Aliás, foi exactamente o que ele disse ao Otelo. E o Otelo chega ao avião para Lusaca [...]. E o Mário Soares perguntou: «Quem é aquele tipo?» Nunca o tinha visto, achou que era um maníaco. «Aquele tipo é que é o Otelo.» E continuaram a conversar. Passado um bocadinho (o Mário Soares ficou a gostar muito do Otelo desde essa conversa e eu ouvi o Mário Soares falar nisso), o Otelo perguntou se ele sabia o que é que ele estava ali a fazer. O Mário Soares disse não sei o quê, coisa e tal. «Não, não. Eu fui mandado pelo general Spínola para o controlar.»

**General Almeida Bruno:** Exacto. Disse-lhe ele no avião do Senghor.

**Manuel de Lucena:** Assim. Trás! O dr. Soares achava que o Otelo era um tipo encantador.

**General Almeida Bruno:** Sr. dr., eu fiz o *briefing*.

**Manuel de Lucena:** E mais encantador o achou quando o Otelo diz no encontro de Lusaca que não está de acordo com a delegação. Quando vieram de Dar-es-Salaam, o Mário Soares quando chegou, no relato que fez ao Spínola, omitiu isso diplomaticamente ou cuidadosamente. E o Otelo não deixou: «O sr. dr. não disse uma coisa...» E contou o que ele tinha feito. O Spínola trepou pelas paredes!

**José Manuel Barroso:** Ó Manel, deixa-me precisar o que o Otelo disse [no encontro de Lusaca] porque tem imensa graça. É que o Soares estava nessa história e o Otelo interrompe e diz: «Estes senhores representam o Estado português e o Governo português. Eu não represento. E eu de facto não estou de acordo, respeito o que estes senhores disseram, mas não estou de acordo com o Governo português. Eu estou de acordo com o que você disse.»

**General Almeida Bruno:** E é quando ele [Senghor] lhe diz: «Então porque é que não se senta do lado de cá?»

**Manuel de Lucena:** Depois ele [Otelo] é que conta ao general Spínola isso; o Soares não contou.

**General Almeida Bruno:** Vou contar a minha intervenção. Vou com o dr. Mário Soares ao primeiro encontro com o Aristides Pereira, fomos no avião do Senghor e encontrámo-nos com o PAIGC, com o Aristides Pereira. Foi uma conversa amistosa, preparatória, no helicóptero, do primeiro encontro entre o PAIGC e o Governo português em Londres. Depois vou integrado no grupo que vai a Londres (Mário Soares, Almeida Santos e Jorge Campinos).

**Manuel de Lucena:** O primeiro encontro com o Aristides já foi em Londres?

**General Almeida Bruno:** Não, não. O primeiro foi em Dakar. As negociações em Londres...

**Manuel de Lucena:** E esse encontro de Dakar não é nada especial?

**General Almeida Bruno:** Não. [...]

**José Manuel Barroso:** É um primeiro contacto.

**General Almeida Bruno:** É um primeiro contacto. É um contacto simpático – não para mim... Penso que o dr. Mário Soares é que falou. É natural, enfim. Eu ia como observador.

**Manuel de Lucena:** Mas não se discutiu o problema da Guiné e de Cabo Verde?

**General Almeida Bruno:** Não se discutiu rigorosamente nada. O que se discutiu foi: encontram-se as duas delegações e...

**Manuel de Lucena:** E onde.

**General Almeida Bruno:** O sítio. E depois foi escolhido. Em Londres, as negociações foram sempre dirigidas pelo Mário Soares, eu penso que muito bem dirigidas, muito bem sintetizadas, nos intervalos que fazíamos, pelo Almeida Santos. O Almeida Santos tem de facto uma capacidade de síntese notável para depois passar para o papel. Mas nós chegámos a um impasse. E ao chegarmos ao impasse, o dr. Mário Soares perguntou-me: «Qual é a sua opinião?» E eu disse: «Eu acho que estamos numa situação de tal ordem que penso que valeria a pena irmos a Lisboa conversar com o presidente da República e dizer-lhe o que se...

**Manuel de Lucena:** O impasse era o problema de Cabo Verde?

**General Almeida Bruno:** O impasse era o problema de Cabo Verde; o impasse eram as posições do dr. José Araújo. Não de todos os do PAIGC, mas do José Araújo. O José Araújo era quase: «Independência já, sem nenhuma condições, sem nenhuma garantias. Os senhores fazem as malas e põe-se no olho da rua. E nós ficamos.» De maneira que houve ali uma fricção e a certa altura, já não me lembro se foi no segundo ou no terceiro dia, interrompeu-se o diálogo e o Mário Soares perguntou-me qual era a minha opinião e eu disse-lhe: «A minha opinião é interromper por agora e irmos a Lisboa falar com o presidente para ele dar uma orientação.» E ele



disse: «Acho muitíssimo bem.» Nós viemos a Lisboa, ele conversou com o presidente, regressámos outra vez a Londres e no caminho disse-me: «A orientação do presidente é, para já, encerrar de vez as negociações com o PAIGC.» Quando eu regresso de Londres, passo para o Conselho de Estado e sou substituído pelo Manuel Monge que é quem continua as negociações com o PAIGC. Portanto, eu tenho uma intervenção bastante modesta.

**Manuel de Lucena:** Você não tem nada a ver com as conversas prévias: com a conversa prévia que há com a Frelimo na Holanda...

**General Almeida Bruno:** Não, não, não. Vou dizer-lhe o seguinte: o nosso general, como eu disse, quando comecei a conta a história (o «era uma vez...»), o nosso general catalogava-nos e eu estava no dossier dos operacionais. Portanto, a minha missão é uma missão reduzida e eu, quando regresso de Londres, regresso para tomar posse no Conselho de Estado, onde tinha uma posição política medíocre, digamos assim. No fundo era: ouvir, votar e perder as votações. A minha grande missão foi a consolidação e a transformação do Batalhão de Comandos do Jaime Neves no Regimento de Comandos; e foi a consolidação, através da criação da Associação de Comandos, da grande força que poderia de um momento para o outro ser chamada. E eu julgo que aí acertei. Não foi na altura, porque fomos todos para casa; ele foi corrido e eu fui para a cadeia. Mas o 25 de Novembro é feito com o Regimento de Comandos preparado por mim.

**Manuel de Lucena:** A Associação é que chamou os antigos comandos porque...

**General Almeida Bruno:** E a Associação de Comandos, de que eu sou fundador, [tem], digamos, uma ideia de base que é a possibilidade de fazer um recrutamento nacional dos Comandos. O que funcionou, como sabem: milhares de homens vieram de todas as partes do país, chegaram ao regimento e agruparam-se nas suas antigas companhias e assim foi possível fazer o 25 de Novembro.

**Manuel de Lucena:** Não havia instrução...

**General Almeida Bruno:** Não, não! Fomos buscá-los porque nós temos a doutrina de que se é comando toda a vida. Não há comandos na disponibilidade; há comandos. Esta doutrina é do Gilberto Santos e Castro, que é o fundador dos Comandos.

Portanto, o meu acompanhamento, até à queda do nosso marechal, é uma intervenção episódica no campo político na ida a Londres, e depois é, de facto, na consolidação e preparação das forças para uma eventualidade. Eventualidade essa que hoje já vos contei que é, quando dias antes do 28 de Setembro, fazemos uma reunião em Belém, com o nosso núcleo forte, em que o Mário Firmino Miguel era o homem mais do bom senso. Eu saio de Belém e vou ao Jaime Neves e digo: «Como é que está?» E ele diz-me: «Eh pá, eu saio e tu quando cá chegares assumes o comando do outro agrupamento e nós liquidamos Lisboa em 24 horas.» E eu volto a Belém, vou ter com o Spínola e digo-lhe: «Meu general, estamos numa situação de confronto, penso que não temos outra saída senão o confronto pelas armas.» E ele também me diz: «Pois é, mas se houver uma guerra civil, a história [?]» E a partir daí é o 28 de Setembro e eu... sou lançado fora da carroça e vou para a direcção da Arma de Cavalaria onde, então, aí sim, tenho uma actividade política de tentar ganhar as eleições dos conselhos das armas e serviços, preparar a candidatura do general às eleições para a Presidência, fazer algumas batotas nalgumas eleições dos conselhos das armas e serviços; fizemos, vigarizámos algumas eleições... Principalmente o Ricardo Durão que tinha uma habilidade enorme para meter os votos ao contrário dentro das urnas... para a eleição da figura que para nós era decisiva: o Carlos Fabião, chefe de Estado-Maior do Exército. Porque, julgo que sabem, a Comissão Coordenadora queria um homem de Engenharia, o Fisher [Lopes Pires]. O Fisher é que era o homem do Costa Gomes e da Comissão Coordenadora. E o nosso era o Fabião. E nós conseguimos dar a volta ao texto, claramente, vigarizando. É

verdade, é um facto, pouco democrático, mas é verdade. E conseguimos pôr o Carlos Fabião no Estado-Maior. Portanto, essa é a minha actividade, actividade que depois é cortada abruptamente no 11 de Março, em que eu regresso novamente ao local de origem [...] no 25 de Novembro, retomei a minha vida... Portanto, eu tenho uma vida curta, digamos assim, nestes períodos porque... fui apanhado.

*Intervenção imperceptível de António Duarte Silva.*

**General Almeida Bruno:** Ó sr. dr., sobre os contactos do Marcello com o PAIGC, tanto quanto eu sei, nada. Quanto aos contactos do Jorge Jardim e à actuação de Moçambique, etc., etc., é preciso ver que em Moçambique estava a outra figura, que em termos de figura pessoal, militar, chocava...

*Corte abrupto na gravação.*